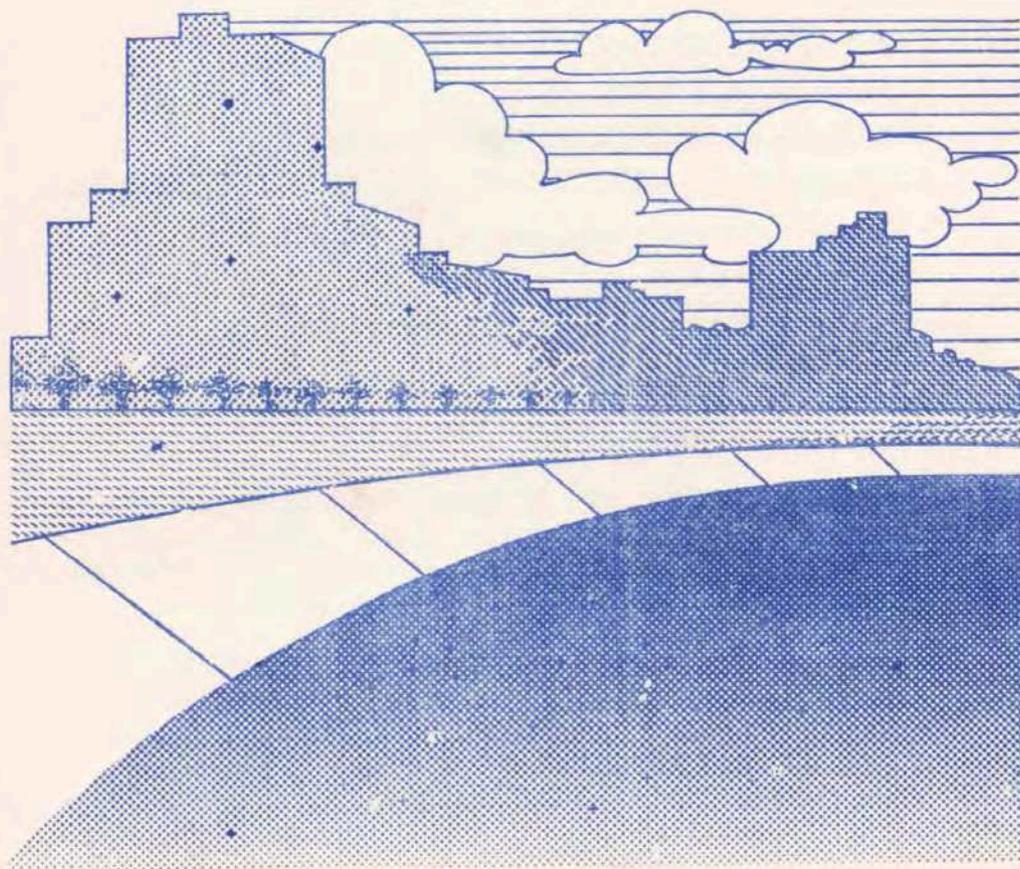


# BLUMENAU

*em cadernos*



TOMO XXVI | Novembro/Dezembro de 1985 | N<sup>o</sup>s. 11 e 12

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

### COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Novembro/Dezembro de 1985

Nº.s 11/12

## SUMÁRIO

Página

Uma Conjectura Histórica (II) — Antônio R. Nascimento .....	314
Panda da Alemanha fez sucesso em Blumenau .....	320
Jubileu de Prata do Cbete. do Vapor Blumenau .....	321
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	323
O "Blumenau" — Celso Liberato .....	325
Catolicismo — (Texto transcrito do livro "Vita Franciscana" .....	327
Subsídios Históricos — Coord. e trad. — Rosa Herkenhoff .....	330
Blumenau já tem a sua estação de piscicultura .....	331
A poesia resgata a consciência do ser — Lauro Junkes .....	332
Padre Carlos, um grande programador — Elly Herkenhoff .....	335
Federico Carlos Allende, Um Coração Blumenauense — Redação .....	339
Roda-gigante da vida — Afonso Rabe .....	345
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômi- co e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	347
Roese Gaertner — Edith Kormann .....	350
Aconteceu ... Outubro/Novembro de 1985 — José Gonçalves ...	354
A Nossa Mensagem .....	360

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## UMA CONJECTURA HISTÓRICA (II)

Antônio R. Nascimento

Conjecturando um pouco mais sobre a vida de Basílio Corrêa de Negredo, primeiro morador de Rio do Sul, deparamo-nos com a seguinte notícia biográfica:

"Basílio Corrêa de Negreiros (sic), tido como sendo o primeiro morador de Rio do Sul, em 1869 morava na Colônia Blumenau, à margem direita do Itajaí-Açu (proximidades da atual Apiúna). Do recenseamento geral da Colônia Blumenau, feito em 1869, consta que Basílio era casado e tinha 5 filhos, três homens e duas mulheres, quatro deles entre 1 e 10 anos e um com menos de 1 ano de vida." (Blumenau em Cadernos, Tomo XIV, nº. 2, pág. 27).

Como vimos no escrito anterior, José Correia de Negreiros, o genearca da família, fora casado na Armação de Itapocoróia, então Capela de São João Batista, com Joana Dias de Arzão, de cujo matrimônio tivera o filho Jacinto Correia de Negreiros, que, a sua vez, casou-se com Caetana Pereira de Jesus, filha de Inácio Lopes Pereira do Rosário e de sua mulher Antônia Gonçalves Correia, conforme registro eclesiástico de nascimento de Juliara, nascida aos 9 de fevereiro de 1806 (livro nº. 5 da Matriz N. S<sup>ª</sup>. da Graça do Rio de S. Francisco Xavier do Sul).

Foi assim que nos chamou a atenção um documento interessante encontrado pelo saudoso Oswaldo Rodrigues Cabral (Blumenau em Cadernos, Tomo I, nº. 4, pág. 68), devidamente relatado no artigo "Antigos Moradores de Gaspar":

"O documento agora encontrado permite-nos citar os nomes de algumas destas famílias e de posseiros de terras na região, pois, em 1842, sendo distribuídos novos lotes a novos moradores, são citados os confrontantes."

Assim é que se encontram nos nomes de José Coelho da Rocha (descendente de Manoel Coelho da Rocha, da Ilha Terceira), Joaquim Alexandre de Castro (ambos no Estaleiro das Naus do Pocinho), Luís Dias de Arzão (Arraial do Pocinho), Pedro Dias de Arzão (volta do Belchior) e o de JACINTO CORREIA (na Fortaleza), que lá estava por volta de 1837.

Ora, se considerarmos que a Armação de Itapocoróia já estava em franca decadência nessa época, quando era reduzidíssimo o número de habitantes nas proximidades do Rio Itajaí, não será difícil concluir que esse antigo morador de Gaspar fosse JACINTO CORREIA DE NEGREIROS, o filho do já referido José Correia de Negreiros, pois era comum na época o grafar-se abreviadamente o nome, ou com supressão de algum de seus componentes. Veja-se, para corroborar, que os "de Arzão", parentes dos "de Negreiros" pelo lado materno, moravam nas proximidades, evidenciando fortes laços familiares.

Daí também ser fácil concluir que Basílio Corrêa de Negredo

fosse filho ou neto de Jacinto Correia de Negreiros, antigo morador de Gaspar.

Outro indicio significativo é que os padrinhos de Juliana (9.2.1806) foram Manoel Antônio Rosa de Castro e sua mulher Ana Maria, cujo patronímico revela o parentesco com Joaquim Alexandre de Castro, antigo morador de Gaspar.

Seria improvável, quando não fosse impossível, existirem dois Jacintos Correia por volta de 1837, residindo nas mesmas proximidades geográficas.

Estaria, assim, formado o elo entre Basílio Correia de Negredo e José Correia de Negreiros, que fora casado com Joana Dias de Arzão, no que é hoje o Município da Penha, aparentada com Matias ou Mateus Dias de Arzão, que como vimos, veio de Paranaguá (registros eclesiásticos de São Francisco do Sul) e foi um dos primeiros moradores do Itajaí (Lucas A. Boiteux, Blumenau em Cadernos, Tomo I, nº. 3, pág. 47).

É bom que se ressalve que essa primitiva gente de Santa Catarina "beirava a cultura do índio", como bem o diz o Senador Carlos Gomes de Oliveira no seu recente livro *Integração* (pág. 32).

Esses "Arzão" descendiam do flamengo Cornélio de Arzão, trazido ao Brasil por D. Francisco de Souza, em 1591, com o objetivo de "descobrimento de riquezas minerais" (Lucas A. Boiteux, ob. cit.). Esse Cornélio, morto em 1638, que fora casado com Elvira Rodrigues, teve 4 filhos, dos quais, certamente, um deles foi pai ou avô de João Dias de Arzão, que vamos encontrar, nos primórdios de São Francisco do Sul, como proprietário da Fazenda Barra Grande e sesmeiro na Lagoa de Acaraí, por concessão do fundador Capitão Manoel Lourenço de Andrade. Em 1679, por exemplo, foi ele quem cedeu a seu parente Brás Rodrigues de Arzão, que ia reforçar a Colônia do Sacramento, um guia negro, conhecedor da língua indígena (ob. cit.). Foi assassinado por um carijó administrado por Manuel Dias Velho, irmão do fundador de Florianópolis, em 1698, tendo sido sua morte vingada por Ascenso Dias, filho bastardo e provavelmente mameluco. Um século depois, vamos encontrar outro João Dias de Arzão, freguês da Capela de São João Batista de Itapocoróia, onde era casado com Maria do Rosário, os pais de Pedro e de Luiz Dias Arzão (acima referidos), possivelmente aparentado com o citado Matias ou Mateus Dias de Arzão e com Joana Dias de Arzão, mulher de José Correia de Negreiros, conforme pesquisas que fizemos. Em 1720, vamos encontrar, na mesma Vila de São Francisco, Miguel Dias de Arzão e José Vieira de Arzão (ob. cit., pág. 48).

Como se vê, a descendência dos "de Arzão" ramificou-se por Santa Catarina dos primeiros tempos. Basílio Corrêa de Negredo era um deles.

Esse primitivo povoamento, entretanto, não obedeceu a nenhum critério superior, a não ser o da conveniência pessoal de cada um. Assim é que, por exemplo, várias famílias caboclas, em 1865, quando deflagrada a guerra contra o Paraguai, fugiram do litoral ca-

tarinense, subindo Rio Itajaí acima, conforme se vê no artigo Valiosa Cooperação (Blumenau em Cadernos, Tomo IX, nº. 4, pág. 68):

“Assim fundaram o povoado de Rio Morto, um pouco acima de Indaial, onde os agrimensores do Dr. Blumenau os foram encontrar com lavouras prósperas, fazendo açúcar, farinha e cachaça que vendiam aos moradores de rio abaixo.”

Era o recrutamento compulsório tão temido, a despeito de a lei provincial nº. 70, de 28 de abril de 1837, isentar os moradores do Rio Itajaí do serviço na Guarda Nacional.

Em 1885, Paulo Schwarzer, fazendo uma viagem de Blumenau a Curitiba, não constatou a presença de moradores em Rio do Sul, o que parece não corresponder à verdade, como se vê do seguinte trecho:

“Isso, entretanto, parece um pouco fora da realidade, pois, já em 1880 o Dr. Blumenau contratara com uma família de caboclos o serviço de balsa na foz do Braço do Sul no Itajaí-Açu” (Blumenau em Cadernos, Tomo IX, nº. 3, pág. 60).

O que importa, porém, é estabelecer esse elo de ligação entre José Correia de Negreiros e Basílio Corrêa de Negredo, passando pelo possível parente comum Jacinto Correia de Negreiros, antigo morador de Gaspar.

São dados que interessam de perto a um futuro biógrafo de Basílio. E aí reside o valor de nossa conjectura, que, se pouco esclarece, pelo menos tem o mérito de traçar um caminho para outras pesquisas.

Eventual biografia de Basílio será tarefa árdua, em virtude da imprecisão nominal dos registros eclesiásticos que precederam os civis, aliado ao descuido em que ficaram por mais de séculos. Para se ter uma idéia, por exemplo, basta citar que Joana Dias de Arzão, a mulher de José Correia de Negreiros, aparece como Joana Dias, em 1805, no assento de Isidoro, filho natural de Floriana Correia de Negreiros, como Joana Dias de Arzam, em 1806, no assento de Maria, filha de Tomás, como Joana Dias, em 9.2.1806, no assento de Juliana, filha de Jacinto, e, novamente, como Joana Dias, no assento de Felizarda (19.8.1806), filha de Joaquina Rosa.

Além disso, antigamente, os primeiros povoadores nasciam com um nome, crismavam-se com outro e, não raro, casavam-se com um terceiro, o que dificulta sobremaneira a pesquisa.

Não bastasse isso, a homonímia era freqüente, como se vê do exemplo colhido em Antônio Dias de Arzão, que eram dois: um, filho de João Dias de Arzão, casado com Francisca Luiza; outro, filho de Mateus ou Mathias Dias de Arzão, casado com Úrsula Maria de Jesus. Ambos vivendo na mesma época (1806) e no mesmo lugar (Capela de São João Batista).

De qualquer modo, Basílio Correia de Negreiros pode ter sua

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

genealogia reconstituída pelo confronto de informações. Assim, só para exemplificar, deve-se notar atentamente as relações de compadrio da época, que tanto fortaleciam as famílias antigas. Da leitura dos padrinhos de Rita (15.4.1806) descobrimos um Antônio Correia de Negreiros, casado com Celestina Maria de Oliveira, provavelmente irmão de Jacinto e de Tomás, todos filhos do casal José Correia de Negreiros e Joana Dias de Arzão, elevando para o número de quatro os filhos do casal e, de certo modo, confirmando algumas de nossas deduções.

Veja-se que, na relação dos antigos moradores de Gaspar, quase todos têm nomes de antigas famílias da Penha (Coelho da Rocha, Castro e Arzão), o que valida nossa suposição de que o referido Jacinto Correia era o "de Negreiros" da antiga armação de baleias.

José E. Finardi, traçando a biografia de José Antônio de Amorim, que foi sepultado sob o nome de "Morina" em Indaial, como se tornou conhecido nos primórdios da colonização italiana, dá-nos também notícias de Basílio Correia de Negredo (Figuras do Passado, Blumenau em Cadernos, Tomo XVII, nº. 6, pág. 332).

"Em 1866, com 25 anos de idade, juntamente com outros nativos do litoral catarinense, especialmente da Barra do Itajaí-Açu, (José Antônio de Amorim) ocultou-se em Rio Morto... A presença desses moradores em Rio Morto originou-se do fato de que em 1866, o Governo Imperial, visando reforçar as tropas brasileiras em operações na Guerra do Paraguai, havia lançado mão do recrutamento de todo o elemento, do sexo masculino, com idade e em condições de ser incorporado às fileiras do Exército. Foi para se subtrair a essa convocação compulsória que um punhado de patrícios refugiou-se no então ermo Rio Morto, assim por eles denominado por formar o Rio Itajaí-Açu nessa área, extenso remanso, de águas calmas e naturalmente piscosas... Além disso, foram esses patrícios que propriamente deram início ao catolicismo na Colônia Blumenau, a essa época praticamente inexistente. É que, com o término da Guerra em 1869, os moradores de Rio Morto, livres dos motivos que os levaram a refugiar-se, construíram, em 1870, tosca casa de palmitos, medindo 4 x 6 m, localizando-a nos fundos da morada de Basílio Correia de Negredo. Nesta casa é que o Pe. Guilherme Antônio Mário Roemer, então vigário da Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, realizava batizados e outros atos religiosos... Somente em 1875 é que os católicos, moradores de Rio Morto erigiram sua primeira capela, que dedicaram a São Francisco Xavier... Em 1880, depois da grande enchente desse ano, os católicos de Rio Morto construíram nova capela, localizando-a em cima do morro. Medida 6 x 10 m, com coro e sacristia. Na sua construção, destacou-se Basílio Correia de Negredo, que fora dedicado auxiliar do engenheiro Emílio Odebrecht, nos trabalhos da Estrada Blumenau-Curitiba e que faleceu em

4 de abril de 1909, em Rio do Sul, onde foi balseiro, por longos anos.”

É fácil concluir, de tal trecho, que os moradores de Rio Morto vieram de Gaspar, onde, desde 1837, Jacinto Correia de Negreiros era possuidor de terras e, possivelmente, morador. Donde a possível filiação de Basílio Correia de Negreiros. A própria invocação de São Francisco Xavier denota a primitiva origem dessa gente: Capela de São João Batista, vinculada à Matriz de N. S<sup>ca</sup>. da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul.

Não nos parece verossímil, pois, a versão de que os pais de Basílio tivessem vindo do Uruguai, conforme informação de Victor Lucas (Blumenau em Cadernos, Tomo III, n<sup>o</sup>. 1, pág. 26). A propecta idade com que morreu já põe dúvidas nessa informação, pois, presumivelmente, era quase centenário.

Veja-se a informação de Victor Lucas (ob. cit.):

“Basílio Corrêa de Negredo é tido como o primeiro balseiro de Rio do Sul, sendo em verdade o primeiro morador, bem assim a casa de José Vicente Leite é tida como a primeira casa de Rio do Sul, quando em verdade não era, pois esta pertencia a Basílio. Sobre este último, resta contar ainda que viera para estas paragens, acompanhado de seu genro e filho mais velho José. O velho Basílio morava junto com o genro de nome Fermino Agápio, e seu filho, numa palhoça construída em terras de propriedade de Rodolfo Odebrecht, na altura da atual firma Curt Schroeder S. A., de onde se mudara, posteriormente, para o outro lado do rio, em Canoas. Somente 5 anos mais tarde, veio trazer a Rio do Sul sua mulher de nome Joaquina Maria de Jesus, tendo nascido, deste matrimônio, 10 filhos, dos quais 8 já falecidos e 2 vivos: João e Carlos. O primeiro, com 83 anos de idade e o segundo com 80 anos, este morador da Barragem e aquele morador do Bairro de Canoa. Faleceu Basílio Corrêa de Negredo no dia 4 de abril de 1909, em Rio do Sul, e foi sepultado no antigo cemitério, em terras hoje de propriedade de Curt Schroeder S. A., tendo sido os restos mortais, após a transferência do mesmo cemitério para o atual Cemitério Municipal, trasladados para este, no governo do então Prefeito Eugênio Davet Schneider, que se comprometeu de levantar-lhe uma lápide ou pedra.”

Pela idade de seus dois filhos sobreviventes, vê-se que Basílio faleceu em idade avançada, beirando os cem anos. Daí porque sua eventual ascendência uruguaia não ser crível.

“Negredo” é corruptela de “Negreiros”, antiga família das pro-

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

ximidades do Rio Itajaí, que teve origem na Capela de São João Batista de Itapocoróia e que, posteriormente, fincou raízes no Vale do Itajaí, como se vê do seguinte exemplo:

“É verdade que alguns graúdos da época (1848), como Bento Malaquias da Silva, MANOEL CORREIA DE NEGREIROS, José Coelho da Rocha (que doara o terreno para a Matriz velha de Itajaí) e outros, eram devedores de quantias muito maiores” (Blumenau em Cadernos, Tomo III, nº. 10, pág. 192, artigo sobre Ângelo Dias).

Como vimos, não temos notícia da origem de José Correia de Negreiros, o genearca, que se casou com Joana Dias de Arzão. Mas, como o casal estava radicado na Armação de Itapocoróia (ou, pelo menos, seus filhos), presumimos que ambos tivessem vindo de Paranaguá, como seu parente Matias Dias de Arzão. Mas é possível também que Joana fosse dos “Arzão” de São Francisco do Sul, que já estavam lá desde os primórdios da colonização francisquense. Certo, porém, é que se torna muito difícil sustentar uma ascendência uruguaia de Basílio Correia de Negredo, tudo levando a crer que há uma correlação entre a Guerra do Paraguai e a noção de um país chamado Uruguai, oriunda da mente inculta daqueles primitivos caboclos do Vale do Itajaí.

Outro ponto que precisa de ser esclarecido é a crônica de P. Hermann Stoer, publicada em Blumenau em Cadernos, Tomo XX, nº. 3, pág. 62:

“No princípio da década de 1890, entrou em função a primeira balsa sobre o Rio Itajaí do Sul, no lugar onde hoje existe a Ponte “Curt Hering”, no centro da cidade. A balsa era servida pelo acima citado Karl Schroeder. Segundo anotações posteriores, o mesmo foi expulso pelos índios, após pouco tempo. Pouco depois de sua retirada, estabeleceram-se perto da balsa dois outros habitantes que resistiram à perfícia dos bugres e persistiram nessa total solidão e isolamento. Foram os colonos FRANCISCO CARVALHO BASÍLIO e Vicente Leite, fiel e antigo colaborador do engenheiro Emil Odebrecht, a escassa crônica relata que coube o mérito de ter queimado a primeira roça em Rio do Sul.”

Basílio Correia de Negredo é referido aí como Francisco Carvalho Basílio, sendo que Vicente Leite, ao contrário do que afirmou o historiador José E. Finardi, é apontado como sendo o colaborador de Odebrecht.

Pensamos que o lapso esteja na crônica de onde foram recolhidas as notícias: “Arquivo Paroquial da Comunidade Evangélica de Rio do Sul, levados a termo pelo Pastor Leonhard Grau (1926-1936).” Evidente, portanto, que o equívoco se deve ao longo tempo decorrido entre a crônica e o evento histórico: cerca de 36 anos. Não logramos identificar que fosse esse Francisco Carvalho Basílio, a não ser aquele José Francisco de Carvalho, carpinteiro, natural de Itapocoróia, que, em 1836, segundo J. Mendes da Costa Rodrigues, em seus “Alfarrábios” (Blumenau em Cadernos, Tomo XVI, nº. 6, pág. 154), foi desco-

brir um caminho de Porto Belo a Lages, passando pelo lugar denominado Trombudo, perdendo-se no Campo da Boa Vista, abaixo da Serra Geral. Porém, certamente, a diferença entre as datas (1836 e 1890) não autoriza a mínima verossimilhança.

Assim como pensamos ter corrigido o nome desse pioneiro morador riosulense, supomos também que futuros estudos não de esclarecer melhor o assunto, suprimindo as imensas lacunas históricas do passado catarinense, que não são poucas e têm sido relegadas a um segundo plano pelos responsáveis, tirante honrosas exceções.

---

## *Banda da Alemanha fez sucesso em Blumenau*

A banda "Kappele Götzbuam" de Jagsthausen, pequena cidade localizada nas imediações de Würzburg, na Alemanha, fez enorme sucesso na Oktoberfest de Blumenau. Depois de tocar (desde a abertura da festa) a banda se apresentou dia 7/10 no pátio da Prefeitura Municipal, onde, em solenidade simples, com a presença do Prefeito Dalto dos Reis, do Secretário de Turismo, Antônio Pedro Nunes e assessores foram plantadas três rosas, como a selar um pacto de amizade entre a Rádio Deutsche Welle e a cidade de Blumenau. A presença da Deutsche Welle se explica através de seu diretor, Werner Bader, um dos principais articuladores e responsáveis pela presença da banda Kappele Götzbuam em nossa cidade. Uma particularidade sobre esta rosa, segundo explicou um dos componentes do grupo, é que ela sofre um enxerto especial objetivando criar uma cor também especial em tom lilás) e um aroma incomum nesta espécie de planta. Posteriormente, afirma, serão enviadas mais 50 mudas da Alemanha, especialmente, para se plantar em jardins públicos.

A Banda Kappele Götzbuam que chegou ao Brasil no dia 04 de outubro, lá mesmo no Galeão, no Rio, enquanto esperavam a burocracia da alfândega para despachar a volumosa bagagem, os músicos sacaram os instrumentos e deram um verdadeiro show, sensibilizando os empedernidos agentes alfandegários e, conseguindo com isso, além dos aplausos para o concerto, igualmente que se despachassem com maior brevidade o material detido para vistoria, conforme é praxe nestes casos.

A banda é composta de 14 músicos, empresário e mulher, o diretor da Deutsche Welle, jornalista e fotógrafo. Os músicos da Kappele vieram especialmente para a promoção da Oktoberfest, sem ônus para a PMB e permaneceram na cidade até o dia 13 de outubro.

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

## Jubileu de prata do Cmte. do Vapor Blumenau

Do Jornal "DER URWALDSBOTE" — Ano 23 — nº. 71 — de 03/03/1916.

"Na quarta-feira passada, com uma cerimônia festiva, o Sr. Gustav Hackländer festejou seus 25 anos de capitão do "Vapor Blumenau". O vapor estava festivamente decorado e o engenheiro estadual Sr. Bischof cumprimentou o mesmo em nome da Cia. Ferroviária que também é proprietária da Cia. de Navegação Fluvial. Depois do almoço festivo a bordo, a festa continuou no salão do Sr. Gross, para a qual compareceram muitos amigos e admiradores."

\*\*

"DER URWALDSBOTE" — Festejou com o Ano 25 — nº. 1 de 3 de julho de 1917, seus 25 anos de fundação.

O 1º número do "Urwaldsbote" foi publicado no dia 16 de julho de 1893. O redator responsável do semanário, que foi fundado pela Conferência Pastoral Evangélica para Santa Catarina, foi o Pastor Faulhaber, que hoje é pastor em Treblin, Província de Brandenburg, Alemanha. Também naquele tempo soprava um vento quente no Brasil. Doze dias depois do aparecimento do 1º número, os blumenauenses defenderam a invasão das tropas da polícia no Eairro Vorstadt a 28 de julho de 1893. Sobre este acontecimento podemos ler no nº. 4 de 6 de agosto. Igualmente naquela ocasião, o jornal que naquela época era apolítico, assim como hoje devia afastar-se e analisar cuidadosamente tudo que publicava, também encontramos poucas alusões à revolução da época, publicados no jornal, que somente foi dominada totalmente em 1894.

A 4 de julho de 1893, foi publicado o protocolo da reunião da Câmara Municipal, na qual participaram os senhores Heinrich Probst, Luiz Abry, Jens Jensen, Ferdinand Hackbarth, Antônio Bernardo Haendchen e como escrivão Francisco Margarida.

A 1 de novembro de 1898, o pastor Faulhaber afastou-se do cargo de redator e que a partir de então está nas mãos do atual redator. Com esta fase o jornal passou a deixar de apresentar a feição confessional e começou também a publicar acontecimentos políticos. Mas ainda continuava nas mãos da Conferência Pastoral Evangélica até o ano de 1900, quando foi adquirido por um consórcio do qual era sócio o atual editor, Sr. G. A. Koehler. Em maio de 1914 o "Urwaldsbote" transferiu suas instalações para uma casa própria, cuja fotografia está sendo publicada neste número."

(Tradução de Edith Sophia Eimer)

\*\*

Do Jornal "DER URWALDSBOTE" — Ano 24 — nº. 100 — de 15/06/1917.

"O Sr. Manuel Doarte, o correspondente do "Jornal do Comércio", que esteve para a exposição agro-pecuária em Blumenau, partiu novamente de Joinville, passou naturalmente por Pomerode e fez a seguinte descoberta:

"Pomerode fica a meio caminho de Jaraguá para Blumenau, é

por assim dizer, uma colônia a parte. Lá moram muitos Pomeranos que falam o "patoá" (língua dos colonos), que é uma mistura de alemão e inglês, mas assemelha-se muito mais ao inglês".

Nós alertamos os estudiosos de idiomas para esta extraordinária descoberta."

**"DER URWALDSBOTE" — Ano 31 — n.º. 30 — de 12/10/1923**

"Em Godesberg no Rhein, Alemanha, onde fixou residência, faleceu o Dr. Albert Stutzer, com 75 anos. Era o mais moço dos 3 irmãos, dos quais o mais velho é o Sr. Otto Stutzer, hoje com 88 anos e ainda encontra-se em nosso meio gozando de excelente saúde, enquanto o segundo é o Sr. Gustav Stutzer, conhecido como escritor e político colonial, falecido no ano passado com 81 anos de idade. Albert Stutzer foi um famoso estudioso e sua cadeira mais importante era a química agrícola. Trabalhava como professor na Universidade de Bonn, Breslau e Königsberg. Publicou várias obras que foram apreciadas por muitas pessoas de capacidade."

**O Jornal "DER URWALDSBOTE" — Ano 20 — n.º. 68 — do dia 22/02/1913, publicou:**

"O relatório do jornal de Brusque, sobre o assassinato do Sr. Hermann Krieger pelo escrivão da coletoria Almeida Coelho, comprova, mais uma vez, que sem dúvida o mesmo foi cometido apenas pelo "ódio aos alemães" e o Sr. Krieger era apenas uma das vítimas que o assassino tinha escolhido. Este, depois de ter cometido o crime, estava pronto a matar ainda um segundo odiado alemão. Aqui se vê o quadro drástico que ele agiu com todo o raciocínio e não sob influência do álcool, como primeiro pretendeu fazer crer. Mas também temos um quadro claro, no que leva a propaganda maléfica feita pelos jornais do Rio, pois a mesma convida para estes atos de violência contra os teuto-brasileiros que estão sujeitos a toda sorte de ofensas e precisam defender-se, pois não estão prontos a serem abatidos como simples caça.

O que é muito importante é que os mais próximos envolvidos, também falam claramente, acusando os mais próximos envolvidos, e as testemunhas não podem e nem devem esconder nada. Sabemos que o assassino é de "boa família" e tem parentes influentes. Assim é de prever que esforços serão feitos para inocentá-lo, "pois tratava-se apenas de um simples alemão".

O governo fez a sua parte e que foi afastar o criminoso de seu cargo, por tempo indeterminado. É um verdadeiro milagre que o mesmo ainda estivesse no cargo, já que o governo conhecia seu passado, quando foi transferido de São Bento para Brusque, porque naquela ocasião já tinha dois casos de esfaqueamento em sua culpa."

**"DER URWALDSBOTE" — Ano 24 — n.º. 96 — Sexta-feira, 1 de junho de 1917.**

**"Lokalnachrichten" (Notícias Locais) "Schwarze Liste" (Lista Negra).**

O Sr. Karl Renaux de Brusque, proprietário de uma tecelagem e fiação, passou a ser citado na "lista negra". Ele é o primeiro comerciante do Vale do Itajaí a constar nesta lista.

# AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Apesar das dificuldades crescentes para a publicação de livros, os autores catarinenses têm encontrado fórmulas para tirar das gavetas os originais de seus trabalhos. É admirável o número de publicações novas, em prosa e em verso, que são dadas a público em nosso Estado, não sendo exagero afirmar que é daqueles onde mais se publica fora do decantado eixo Rio-São Paulo. Também merece registro a movimentação e a criatividade dos autores conterrâneos para a divulgação de suas obras.

Impossibilitado de analisar cada uma dessas obras, o que inclusive fugiria aos objetivos da coluna, que visa noticiar o que vai surgindo na área das letras, registro abaixo vários livros recebidos neste mês de dezembro e que certamente não constituem a totalidade do que apareceu neste final de ano.

"Espelho Ardente" é mais um volume de poemas de Hugo Mund Júnior, publicado por Thesaurus Editora, de Brasília. Esse catarinense radicado na capital do país obteve sucesso com o recente livro "Ícones da Terra", conjunto de poemas que obteve o aplauso da crítica e dos leitores. Com esta nova obra o autor, anteriormente mais conhecido como artista plástico, dá mais um passo importante na sua afirmação como poeta.

Também Maura de Senna Pereira, nome dos mais considerados da poética catarinense e brasileira, surge com um novo livro. Trata-se de "Busco a palavra", uma antologia de sua produção anterior, acrescida de um prefácio substancioso de Lauro Junkes e de notas críticas de diversas épocas da carreira da autora. O livro, publicado por FCC Edições, fornece uma visão panorâmica da obra poética da autora, numa espécie de balanço muito importante para quem não acompanhou o seu trabalho até aqui publicado e também para aqueles que desejam revivê-lo através de uma leitura conjunta. É — como afirmam os editores — "uma quase autobiografia" na qual encontro, desvanecido, um poema que me é dedicado ("Balada contra a tormenta" — pág. 145).

Outra poeta que aparece com livro é Mila Ramos. Embora este "Pé de Vento" (Editora Lunardelli) seja sua primeira obra, não é uma estreante, pois tem poesias publicadas na imprensa, obteve prêmios literários e está envolvida há muito tempo com as coisas das letras. O conjunto dos poemas reunidos neste volume revela uma pessoa sensível, que se toca pelas coisas simples e em quem o cotidiano, a paisagem, as alegrias e trizezas humanas se convertem em versos sentidos e sinceros.

Também pela Lunardelli saem dois outros livros. O primeiro deles é "A literatura catarinense", de Celestino Sachet, uma edição ampliada e melhorada de "A literatura de Santa Catarina", dando uma

visão sintética e de conjunto das letras em nosso Estado. Com novas pesquisas e informações, o livro procura ser o mais abrangente possível e, apesar do rigor com que foi tratado por alguns críticos na edição anterior, é uma obra que tem sua importância e muito útil nos meios universitários. Com "A presença da poesia em Santa Catarina", de Lauro Junkes, constitui obra básica para uma visão global de nossa produção literária. Sobre esse livro, em sua nova edição, voltaremos a falar em ocasião oportuna.

"A cabra azul", de Jair Francisco Hamms, é o segundo, provavelmente o lançamento mais importante deste final de ano e destinado a um sucesso prolongado. Trata-se de um conjunto de contos e crônicas do conhecido escritor ilhéu, cheios do humor e criatividade já demonstrados em livros anteriores. Conhecedor perfeito da psicologia de seu povo, sabe captar como poucos as situações que ocorrem no cotidiano e convertê-los em saborosas peças literárias. Um livro ágil e bem escrito, merecedor de leitura e divulgação.

"A prosa e o verso do pescador" (UFSC/ACARPESC) é a coletânea dos trabalhos premiados no I Concurso Catarinense de Literatura Pesqueira promovido pela Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina que teve na Comissão Julgadora os escritores Celestino Sachet, Pinheiro Neto e Silveira de Souza. Destaco os trabalhos de Oldemar Olsen Júnior, Artêmio Zanon, Célio de Moraes e Harry Wiese, todos persistentes na labuta literária, sem desmerecer os demais.

"Edições Sanfona", de Florianópolis, prosseguem divulgando trabalhos de autores catarinenses. "Seteséteras", de José Gomes Neto, "Poses e deserções", de Chandal Meirelles Nasser, e "Casco da noite", de João Nicolau Carvalho, são os mais recentes títulos lançados.

Em circulação mais um número do suplemento cultural "Pantanal", idealizado pelo poeta Luís Antônio Martins Mendes e que é publicado em São José. Neste exemplar de número 13 colaboram Ademir Neves, Adilson R. Buze, Dinovaldo Gilioli, Ely de O. Fagundes, Laércio Faria, Lourdes Scusato e Paulo Roberto Santos de Souza, com poemas e crônicas.

A FURB promoveu o lançamento de "Sociedades indígenas e o Direito", coletânea de ensaios coordenada pelo Prof. Sílvio Coelho dos Santos, na noite de 12 de novembro. O livro "Balaio de caranguejos", de Claudir Silveira, foi lançado na noite de 15 do mesmo mês no Clube 7 de Setembro, na cidade de Palhoça.

A Associação Catarinense de Escritores (ACEs) realizando eleições para a nova Diretoria visando recolocar em atividade a instituição que congrega os homens de letras do Estado. Ela também promoveu a ida de uma delegação catarinense à Feira do Livro, em Porto Alegre, nos primeiros dias de novembro.

## **MAJU**

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil Blumenauense.

## O «BLUMENAU»

Celso Liberato

Notícias de antigamente dão conta de que o vapor “Blumenau” adquirido na Alemanha pela Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau Ltda. chegou desmontado, a Itajaí no ano de 1895.

Depois de ajustado e reestruturado, já em plenas condições de navegabilidade, passou ao serviço ativo e transporte de passageiros e cargas no rio ItajaíAçu, entre Blumenau e Itajaí.

Construído com características próprias para a navegação de lagos e rios, era o “Blumenau” movido por duas rodas mecânicas, em linhas paralelas, uma a bombordo e outra a estibordo.



O combustível consumido era a lenha das matas dos arredores do rio.

Implementado de maquinismo capaz de lhe imprimir apreciável grau de velocidade, o “Blumenau” tirou carta de corredor.

Para a turma do cais e dos trapiches era o “Palheta”, o “Bamba” do rio.

Nunca nenhum barco de vela ou de vapor na rota da Volta da Thieme, em Itajaí à curva do Capim Volta, em Blumenau, lhe botou na frente o esporão da proa.

Com Karl Krubecke ou Gustav Haklaender na roda do leme, fazia a barba de todos.

Mas a notoriedade do “Blumenau” — em que tantas vezes viajamos — não lhe adveio apenas da velocidade.

Ô que verdadeiramente lhe deu cartaz foi a missão histórica de lado a lado do pioneiro "Progresso", do "Jan", do "Santa Catarina" do "Richard Paul" e de outras embarcações, contribuir de maneira efetiva para abrir os caminhos do rio à consolidação e expansão da antiga Colônia Dr. Blumenau.

A par disso, a ação do "Blumenau" transcendeu das tarefas comuns de navegação para refletir-se no domínio social com a assistência às populações ribeirinhas de Pedra d'Amolar, Espinheiros, Barra do Luiz-Alves, Ilhota, Gaspar e Belchior.

E não poucas vezes foi a tábua de salvação de flagelados das grandes enchentes do rio, apanhando-os nos pontos baixos e levando-os para lugar seguro nos pontos altos da cidade.

Depois, já cansado de tantas subidas e descidas de rio a rebo-car lanchas por uma enfiada de anos, com águas de remanso ou águas bravas do monte, sem condições de navegabilidade, foi desativado do trabalho fluvial e transportado para a foz do ribeirão do Tigre (Tigerbach) de Itoupava-Seca, onde passou a se esvaír na ferrugem e no tempo.

Mais tarde, um grupo de idealistas, entre eles Raul Deeke, José Gonçalves, (o editor desta revista), Sr. Feigel, então presidente do Kennel Clube de Santa Catarina, Sr. Generoso, mestre de oficinas da antiga E.F.S.C., promoveu o seu transporte para a Prainha, no bairro de Ponta Aguda, onde ficou assentado numa armação de concreto e em seguida reparado e recomposto na administração do então Prefeito Frederico Guilherme Busch Jr.

Ultimamente, aqueles dois mundos d'água que foram as enchentes de julho de 1983 e agosto de 1984 "fizeram o serviço" no "Blumenau", que aniquilado e destroçado era agora um navio fantasma, à beira do fim, nos ermos da Prainha.

Parecia não haver mais salvação.

Era o **in-extremis** do histórico barco.

Mas foi aí que o Prefeito Dalto dos Reis deliberou o renascimento do "Blumenau" com uma reforma de casco e convés e de popa à proa.

E assim, de renovação em renovação, permanecerá o "Blumenau" ancorado nas areias da Prainha, em termos de perpetuidade, como divisor de águas entre o tempo passado e o tempo do presente.

Agora, chapeado, de novo, raspado e escovado, pintadinho de fresco e até embandeirado em arco, como nos dias de festas do passado ou quando trazia a seu bordo personalidades ilustres de visita a Blumenau.

Por derradeiro, é de lembrar que mesmo aposentado por tempo de serviço, o velho "Blumenau" — peça de valor histórico-tradicional — continuará no serviço ativo, como ímã de atração turística da Prainha.

**E. A. V. CATARINENSE**

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

# CATOLICISMO

(Texto transcrito do Livro "Vita Franciscana" Ano — 1931-1936 pg. 103).

## UM DIA DE MINHA VIDA EM GASPAR:

Nós chamamos às vezes nossa residência em Gaspar, mas só brincando, de asilo de velhos para cansados e sobrecarregados padres. Há anos vivem realmente aqui padres idosos que por mais de 3 décadas dedicaram-se a vida missionária. Um pouquinho de descanso deveria ser-lhes proporcionado. Mas como estes dias transcorrem, este meu artigo mostrará. Escolho porém um dia verdadeiramente agitado, mas destes tivemos muitos. Foi no início do ano passado.

Chovia a cântaros, o vento cantava seus lamentos, e eu me sentia tão feliz e abrigado na minha cela tão contente que não precisava sair com um tempo tão horrível. Tive porém a má sorte de estar a caminho em tempo semelhante. Foi então que soou a campainha da porta. Fui abrir. Na varanda está em pé um homem de cujo poncho corria a água. "Mio Dio, che tempo, pare um dilúvio" ele disse. Portanto um italiano. — O que traz de bom! Perguntei angustiado.

— Senhor padre, vim buscá-lo à cabeceira de um doente para o Senhor Eugênio Roncaglio em Batéas. O senhor sabe onde ele mora? — "Não tenho a mínima idéia.

— Bem lá em cima na serra, além da passagem.

— O senhor tem uma montaria ou uma carroça para mim?

— Minha carroça está parada em frente a Igreja. Até a passagem o senhor pode usar a carroça, mas depois precisa cavalgar.

Em poucos minutos eu estava pronto. Quando descii os 144 degraus da escada da igreja quase perdi o fôlego, tão forte era a chuva que o vento atirava ao rosto. Subi na carroça aberta e partimos. Duas horas levamos para chegar até a passagem. Passando a casa de um colono italiano, este emprestou uma sela ao meu companheiro. A serra para cima eu tinha que cavalgar. Olhei para o caminho bastante íngreme. Com as últimas chuvas o mesmo estava cortado por profundas frestas, pelas quais agora a água lamacenta corria. Dos lados, profundos precipícios e lá em baixo eu via os riachos correndo estrondosos e violentos. Alí eu teria que subir. Eu me sentia mal. Meu companheiro selou o cavalo. Minhas vestes estavam molhadas até os joelhos, até minhas botas estavam cheias de água. Meu casaco também tinha absorvido água da chuva e pesava como chumbo. Só com dificuldade subi na sela. E agora começava a miséria. Com um caminho bom ainda dava. Mas agora!

O cavalo fazia o possível mas também já estava cansado. Volta e meia dobrava os joelhos e quase não conseguia equilibrar-se no caminho. Numa elevação entre duas frestas escorregou e caiu no chão. Fiquei com pena do pobre animal, quando ele conseguiu levantar-se

fiquei ao seu lado e deixei que subisse livre do meu peso. Relinchou alegre e continuamos nossa caminhada.

Agora no entanto continuou e começou a miséria para mim. No caminho enlameado e amolecido na subida quase não podia com minhas pesadas botas. Escorregava levantava, engatinhava e por algumas vezes consegui por pouco salvar-me do abismo. Um trecho do caminho fiz realmente engatinhando. Por fim passamos o lugar mais íngreme.

Meu cavalo tinha parado para descansar, depois com sacrifícios tremendos consegui molhado e enlameado novamente galgar a sela. Continuamos subindo, caindo, escorregando até a passagem, digo, o alto da passagem. Os precipícios tinham terminado, muitas colinas, vales pequenos e estreitos. Via muitas colonizações de casinhas miseráveis e pobres, plantações magras. Apeamos junto a um riacho, estávamos chegando ao doente. Quando entrei na casa, a sala de estar estava repleta de gente. Eu sabia que não dava uma boa impressão com minha roupa enlameada e encharcada, mas eu levava o Sagrado e todos presentes italianos nem tinham olhar para a minha apresentação. Ajoelharam-se todos e um começou a rezar e continuaram assim até que terminei de dar os sacramentos ao doente.

Sentei-me junto ao bom Eugênio e comecei a falar-lhe suavemente. “Agora meu amigo morra em paz, para que eu possa descansar também desta viagem tão difícil e acidentada. Quando você morrer eu posso dizer — “Eu sofri tanto nesta viagem mas compensou logo o pobre homem morreu em paz.

— Mas qual nada, ele não queria morrer, tenho esposa e filhos, dizia.

— “Em, em nome de Deus, então viva e continuaremos a ser bons amigos. Pouco tempo depois empreendi a viagem de regresso. Com todo cuidado escorregava morro abaixo. Chegando ao pé da serra novamente entregamos os cavalos e voltamos. No caminho paramos na casa de um colono italiano, cuja esposa falava alemão e disse que era uma família que antigamente vivera em Gasparinho.

Há mais de trinta anos eu atendera esta comunidade de Blumenau e estive hospedado na casa dos pais desta senhora. Depois passara anos pelas florestas e campos e agora encontrava a filha deste casal como esposa de um italiano e uma fileira de filhos.

Precisei ficar para um bom café e almoço o que também aceitei prazeroso. A tarde com os cavalos descansados continuamos a viagem e chegamos em casa antes do anoitecer. Como ainda possuía um hábito velho e surrado pude colocar o traje sujo e molhado logo na água para lavar e preparar-me assim para uma nova jornada.

Autor desconhecido.

## GASPAR:

Artigo extraído do livro “Vita Franciscana” 1931-1936 — pág. 121.

“Como todos os acontecimentos maiores no grande mundo aqui em nosso tranqüilo rincão encontrou pouco eco, também o Capítulo

Provincial teve pouca repercussão. Nosso antigo padre Gervásio Krämer que há 1 ano e meio adoeceu gravemente, foi muitas vezes substituído pelo Padre Eduardo Voigt. Agora, depois de operado com sucesso em São Paulo, P. Gervásio já voltou a antiga atividade com nova energia e entusiasmo. Ao seu lado trabalha seu fiel companheiro e colaborador Padre Solanus Schmitt que apesar de seus 64 anos de idade ainda preenche seu lugar com todo vigor, atendendo confissões, fazendo visitas a doentes. Nos últimos extremamente quentes meses de verão, havia muitos doentes, acometidos principalmente pela malária e fez muitas vítimas.

Foram dias de intenso trabalho para os dois padres que muitas vezes tinham que percorrer longas distâncias nas visitas aos doentes. O padre visitador havia prometido empenhar-se em conseguir um terceiro padre para Gaspar porque aos domingos e feriados o acúmulo de pessoas no confessionário era muito grande.

Como era de prever, seus esforços não foram coroados de êxitos por falta de padres. Assim apenas pela Quaresma o Padre Provincial enviou Padre Cletus Espey como auxiliar. Durante os dias de quarta-feira de cinzas até quinta-feira Santa, ele ajudava no confessionário. Isto é tanto mais estafante porque nesta época vinham os pobres em massa e que normalmente não vinham durante todo o ano para o Santo Sacramento. Ficava então a cargo do Padre todo o trabalho da confissão, levá-los ao arrependimento e encaminhá-los outra vez no caminho da religião.

Há alguns anos trabalham aqui com muita eficiência as Irmãs Franciscanas em número de cinco ao todo, que ensinam doutrina na nossa escola paroquial. Como sua casa tornou-se muito pequena e em parte também ruim foi feito um plano para a construção de um convento amplo e cujo início foi a todo vapor logo depois da Páscoa. Apesar da grande dificuldade financeira atualmente espera-se o auxílio de pessoas generosas para que possamos levar a obra até o fim.

A nova casa deve também proporcionar às irmãs a oportunidade de abrigar algumas alunas e a ampla capela poderá ser visitada pelos velhinhos quantas vezes o desejarem. Depois de impressas estas palavras chegou a notícia que o robusto e saudável padre Solanus Schmitt adoeceu com malária, como antes já o Padre Eduardo Voigt que adoeceu gravemente. Padre Solanus foi levado para consulta médica em Blumenau, e o resultado já esperado era malária. A comunidade e o povo em geral muito sentiu a ausência de nosso padre Solanus e todos perguntavam por ele, desejando-lhe rápida melhora."

(Tradução Edith Eimer — Agosto/85)

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

# Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado em Joinville a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia do dia 25 de abril de 1863:

Recentemente a região do Itajaí-Mirim foi de novo atacada pelos indígenas. Um grupo atacou uma serraria nas proximidades da Colônia Brusque, matando a flechadas três dos operários, ali ocupados, dois brasileiros e um belga, de nome Thon Dittmar. O Presidente enviou o Tenente Mello da Polícia, acompanhado por alguns soldados, a fim de livrarem a região dos bugres e para a proteção dos colonos.

Notícia do dia 2 de maio:

O trabalhador morto há pouco tempo pelos bugres no Itajaí-Mirim não era belga, conforme foi notificado por engano, e sim, descendente da antiga família bávara do Barão von Thom Dittmar. Seu fim foi trágico. Quando dois de seus colegas de trabalho saíram varados pelas flechas, ele procurou salvar-se, jogando-se no rio para alcançar a margem oposta. Alcançou-a realmente mas viu-se cercado por outro grupo de bugres, do qual procurou fugir. Não conseguiu ir muito longe, pois levou flechadas, sendo massacrado pelos inimigos, os quais, partindo-lhe o crânio, extraíram a massa encefálica, que os bugres apreciam como complemento de bebida. Em seguida fugiram apressadamente, abandonando o corpo. Um outro trabalhador, que também se atirara ao rio para fugir, nadando e mergulhando de vez em quando, conseguiu alcançar a serraria, são e salvo, ali assistindo à cena acima descrita".

Notícias locais de 9 de maio:

Recebemos da administração dos serviços públicos a informação de que a construção da Estrada da Serra não foi interrompida nos últimos quatro meses embora a verba disponível não deixasse progredir os trabalhos de terra. — Nos últimos meses só foram pagas duas cotas mensais de 2.500 mil réis, a última a 23 de abril. No entanto, o serviço mais difícil, isto é, a construção de pontes e diques progrediu muito, assim foram feitas este ano do Rio da Prata até o Rio Dornbusch seis pontes, incluindo a maior sobre o último rio e dois diques com 14,293 palmos cúbicos da amurada e outros trabalhos acessórios. Também foi iniciada outra ponte, além do Rio Dornbusch, de modo que até o fim do mês serão entregues ao tráfego perto de 2.000 braças da nova estrada. A conservação da parte antiga não foi desleixada e em consequência de chuvas torrenciais foram necessários importantes concertos.

Notícia local de 13 de junho do mesmo ano:

O navio hamburguês Franklin, comandante F. W. Greick, que partiu de Hamburgo a 5 de abril, e entrou no nosso porto à noite de 5 de junho, trouxe para a Colônia 177 novos imigrantes, sendo ale-

mães: 126 da Prússia, 9 de Hanover, 7 de Hamburgo, 5 de Brunsvigue, 2 de Meclemburgo, 2 de Holstein, 2 de Baden e 1 de Hesse. E mais 19 da Áustria, e 1 da Dinamarca.

Entre estes, 153 são protestantes e 24 católicos, 8 acima de 45 anos, 115 entre 10 e 45 anos, 27 entre 5 e 10 anos e 27 com menos de 5 anos. Durante a viagem morreu uma criança de colo e um marinheiro morreu afogado. Quanto à viagem, passadio e tratamento a bordo, todos se mostram satisfeitos.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

---

## Blumenau já tem sua estação de piscicultura

Blumenau — A estação de piscicultura da Prefeitura de Blumenau já está em funcionamento e os criadores de peixes do município poderão adquirir alevinos (filhotes de peixe) de carpa e tilápia a partir do mês de dezembro. A informação foi prestada em novembro pelo Secretário de Agricultura, veterinário Renato Beduschi, ao prefeito Dalto dos Reis que tem acompanhado todo o processo que envolve este programa de piscicultura. A estação, localizada em Tatutiba III tem 40 mil metros quadrados e possui diversos tanques, alguns espécies para a desova das fêmeas, além de água natural oriunda de uma vertente existente no local.

A estação tem peixes desde agosto em seus oito tanques. Sete deles têm 250 metros quadrados com 1,20m de profundidade, enquanto o outro maior, abastece-os. Existem atualmente 200 matrizes e aproximadamente 10 mil alevinos de carpas comuns, espelho e vermelha e branca, e tilápias rendale e nilótica. A intenção é produzir cerca de 200 mil alevinos/ano, a partir de 1986, eliminando espécies como a carpa comum para que haja maior qualidade genética nos peixes oferecidos ao colono. Assim, estes peixes reproduzirão mais, aumentando a quantidade e qualidade da criação do homem do campo. O "cascudo" também será reproduzido nos tanques da estação a partir do próximo ano.

Os peixes da estação de piscicultura da Prefeitura têm, em média, 40 centímetros, mas algumas matrizes ultrapassam este tamanho e chegam a um peso de dois a três quilos. A alimentação é especial para que os alevinos adquiridos pelos piscicultores sejam de boa qualidade. O programa é um investimento social e visa auxiliar o colono em sua renda familiar.

Com as constantes altas no preço da carne bovina, a facilidade na criação de peixes e o valor do mesmo em proteínas, cálcio e iodo, a piscicultura é um grande negócio para o colono.

Os alevinos produzidos pela Prefeitura são fornecidos a preços simbólicos e somente para a reprodução.

## *A poesia resgata a consciência do ser*

A poesia é o termômetro do sentimento, é a consciência da humanidade. O ser humano e a sociedade, à medida que perderam o senso lírico, eclipsando-se na majestuosidade hipócrita de sua vil subserviência ou prepotência, acabaram por conduzir o mundo e a vida a essas formas infamantes que hoje nos subjulgam e que envergonham a própria condição humana. Qual trágico Quixote, o poema ainda hoje brada, ergue seu grito, vibra sua palavra. Mas é cada vez mais largo o deserto que absorve sua voz. O pragmatismo, a massificação, a opressiva despersonalização, a subserviência vergonhosa, a inversão violenta de valores, interiorizada, exigida e imposta mesmo com violência, são marcas da prepotência ditatorial dos nossos tempos democráticos, a tolherem os valores humanos e a sufocarem com inclemência o vagido lírico, tão arraigado na essência humana. O poeta busca o homem, busca a si mesmo, a sua identidade essencial e ancestral, mas seu eco perde-se quase sempre no deserto sem vida a que foi reduzido o mundo governado pela bestialidade. Será viável ainda o resgate do homem e da poesia, da poesia no homem, do homem pela poesia

Lindolf Bell, desde os tempos da Catequese Poética, na heróica resistência dos anos 60, colocou sua palavra a serviço da poesia e a poesia a serviço do homem. Partindo do âmago lírico do ser, mas atingindo polêmica e agressivamente as estruturas despersonalizadas do homem no mundo, a poesia de Bell se reveste da maciez de pluma, ao mesmo tempo que se enrijece na agudeza penetrante do aço temperado. Sua frágil subjetividade lírica se robustece ao assumir ofensivamente a revolta consciente do oprimido contra todas as formas de despersonalização.

Poeta preocupado em não perder suas raízes, poeta da terra, poeta das "vivências elementares", poeta ligado à ancestralidade original, Lindolf Bell confirma sua sempre lúcida consciência poética e crítica no seu décimo livro de poemas: *O Código das Águas* (Global Editora).

Algumas palavras-chaves perpassam esses nomes, como forças expressivas e linhas temáticas de impressionante vigor sugestivo: palavra, sonho, liberdade, tempo, solidão, desterro, morte. Delas desprende-se uma certa tendência desilusória, não de derrotismo pessimista e sim de realismo consciente. Em meio a essa consciência e denúncia, entre a interiorização madura e agressividade resistente, emerge como linha condutora central a busca de si mesmo e dos valores e significados, linha que culmina com os impiedosos questionamentos levantados em "Onde ficaram as nossas aves abatidas?" (p. 111-13) —

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

uma sucessão de perguntas que desinstalam a modorra comodista e buscam o valor dos valores.

Nos primeiros poemas a palavra, essa força criadora insuperável e arma poderosa do poeta, é posta em questão. O poeta sente-se impelido à busca incessante, incansável, inconformada, instigante da palavra, na sua significação e poder totais, e também na sua "enfermidade, efemeridade" (p. 9). É na busca da ancestralidade, das raízes, do rio da infância, o tempo perde sua determinação ante a eternidade, e o espaço também não importa, impondo-se o lugar "onde a geografia se faz de sentimento" (p. 29). Desligado das coordenadas aprisionantes do pragmatismo, o poeta pode captar toda a beleza pura de "Andorinhas escrevem no ar" (p. 31) e o desescrevem.

Assim, o lirismo criador e transformador, que não conhece limites, que dilui qualquer fronteira entre o possível e o impossível, entre o real e o imaginário, entre imagem e a referência, se manifesta vivo no sentimento que transborda de "Ah! não fosse este rio chamado amor" (p. 36), desse amor que é medida do homem finito. O mesmo lirismo criador integra no poético o cotidiano: na plasticidade de "um touro atravessa a tarde", o real é visto em dimensões profundas, simbólicas, místicas e surreais, mas com vigoroso tom de busca, revolta e denúncia; também "o bem-te-vi" poetiza o cotidiano, através da intuição que ultrapassa as aparências.

Mas o lírico é um permanente questionador de si mesmo e da realidade apreendida no seu prisma pessoal. Todos os poemas de **O Código das Águas** o confirmam. "Doido coração doido" revela essa tentativa de penetrar em si mesmo e de compreender, conhecendo, a realidade indevassável que é um ser humano. Por isso, retorna sempre de novo o tema do empenho em confronto com o destino ou da busca esbarrando na solidão. Daí a sensação de "Desterro": o poeta-ser-humano apercebe-se "em pleno século XX/desterrado de Platão", isto é, dividido, dilacerado pelas arbitrariedades, buscando o destino e a esperança em meio ao desespero.

Mas, desterrado na condição humana desvirtuada, o poeta reencontra-se no "minifúndio". Lá, onde "tudo é redondo", apesar de que "não se vai a lugar nenhum/ sem carregar a moita do mistério", existem perspectivas de equilíbrio, de harmonia, de encontro consigo mesmo. Por isso, o poeta pede: "enterrem-me na palavra", "porque o minifúndio se faz/ na terra na palavra". Nesse minifúndio da palavra o poeta sente poder resgatar-se.

Do minifúndio emergem o senso telúrico e os laços irremovíveis das "vivências elementares" que prendem o poeta à sua terra, expressos na beleza das alienações e das harmonias fônicas: "no fundo do Vale do Itajaí/ ali rastejo, festejo/ o coração colono/ na calma colina" (p. 58).

Dessas condições existenciais, o poeta penetra no destino que se lhe impõe: tempo, morte, eternidade são realidades que se apresentam como desafio instigante, que o fazem aprofundar-se nos mais secretos reinos da condição humana: "o tempo é curto/ o tempo é

certo" (p. 70) ou então, tal como a esfinge antiga, que hoje apenas assumiu novas formas, o desafio é imperativo: "Decifra-me/ ou te devoro/ diz o tempo/ ao homem" (p. 66). Nessa dialética do latifúndio/minifúndio, da morte/vida, do tempo/eternidade que envolve o homem, como pode esse ser pensante situar-se superior à natureza, às aves, às plantas e flores? O senso criativo do poeta busca então insinuar nas próprias soluções formais esse desconcerto antitético abemolizado: "Eu vejo animais nas nuvens./ Eu vejo animes nas navens" (p. 76).

Esse mesmo homem dividido e estilhaçado vê-se posto em xeque diante de sua imagem, de seu reflexo, da sua realidade no espelho que ainda reaviva a dialética verdade/máscara: "O espelho/ é onde o pássaro do tempo pousa./ Se reflete,/ se debate ferido, aferido./ E deflagra a morte provável" (p. 79). Da conscientização surge a tarefa interminável do ser frente a si mesmo na luta sem tréguas, desolada e dilacerada do homem em liberdade ("Semanário", p. 84). E o "poema matemático" assegura que nenhuma operação se aplica adequadamente ao homem. Daí "o amargo gosto" que perpassa suas sensibilidades. Mas ainda: vaidoso, olímpico "herdeiro dos deuses", para sua amargura, "o poeta descobre-se no sebo", nesse sebo que "liquida duplamente/a poesia".

Resta ao poeta, sempre insaciável, sôfrego, sensibilidade à flor da pele, lúcido mas idealista, a árdua condição de "andarilho", condição em que pode repetir para si mesmo, incessantemente: "menor do que meu sonho/ não posso ser" (p. 96-104). Opta ele pela profunda consciência de ser, de afirmar-se, não de refestelar-se em "confortáveis salas/ da subserviência", não de desolar-se e sentir-se esmagado, mas de resistir, não de prostituir-se nem despersonalizar-se, mas de projetar sua convicção e sua luz. No seu idealismo quixotesco, qual "andarilho/ de paisagens precárias do sentimento", prossegue o poeta desafiando as convenções e arbitrariedades, brandindo o gládio do seu verbo inflamado, em busca do "sonho" redondo, pois no coração e no mundo, que são redondos, vislumbra "a forma redonda da esperança".

Assim, **O Código das Águas** restitui-nos o vigor lírico de Lindolf Bell e contagia-nos com autêntica aura lírica. O signo poético, habilmente envolto na beleza expressiva de metáforas, aliterações, trocadilhos, rimas, ecos e harmonias sonoras dos mais diversos matizes, comunica-nos a poesia do poeta e faz-nos contactar consciente e maduramente com a realidade existencial que nos envolve, com o ser humano de cuja natureza participamos. O poeta vivencia a beleza, sabe da vida, sensibiliza-se com o homem. O poeta resgata a consciência da humanidade. Comunguemos com o poeta!

Lauro Junkes

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

# Padre Carlos, um grande programador

Na tarde ensolarada de 12 de dezembro de 1906, falecia o primeiro vigário de Joinville, Padre Carlos Boegershausen, um dos grandes vultos de nossa História — grande como sacerdote, grande como educador.

De inteligência incomum, espírito esclarecido, foi ele, durante quase meio século, conselheiro e orientador de várias gerações de Joinvillenses, participando, até determinada época, dos acontecimentos sociais, culturais e familiares da cidadezinha que ele, de maneira ímpar, ajudou a construir.

O nosso "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), noticiando o passamento do venerado padre, assim se expressa em sua edição do dia 18 de dezembro daquele ano:

— "Vão se rarefazendo cada vez mais as fileiras dos veteranos, dos mais velhos de nossa comunidade.

Assim, acaba de nos deixar mais um deles, o Padre Carlos Boegershausen, que faleceu, após breves dias de enfermidade, na quarta-feira, em consequência de um derrame cerebral.

Entre os cultivadores do passado, o reverendo Boegershausen ocupa lugar de destaque e todos nós, testemunhas do desenvolvimento e do atual progresso de nosso município, estamos perfeitamente cômicos do quanto temos a agradecer ao falecido educador.

Padre Boegershausen, nascido a 16 de agosto de 1833 em Duderstadt, Hannover, Alemanha, recebeu a sua educação no "Prediger-Seminar" (Seminário de Pregadores) da cidade de Hildesheim, célebre pela sua milenar roseira.

Logo após a sua ordenação, foi ele contratado pela Sociedade Colonizadora de 1849 de Hamburgo, para a Colônia Dona Francisca, onde chegou a 9 de novembro de 1857. Reconhecido pelo governo brasileiro, como vigário da paróquia então em organização, empenhou-se, desde logo, para conseguir um templo e graças à sua persistência, teve ele a satisfação de poder sagrar, já a 2 de dezembro do mesmo ano — no dia do aniversário do Imperador D. Pedro II — a pedra fundamental da bela igreja que hoje adorna a nossa cidade e para a qual ele havia doado o terreno.

Até há pouco tempo atrás, a sua paróquia abrangia os municípios de Joinville, São Bento, Campo Alegre e Parati, e apesar de sua idade avançada, Padre Boegershausen enfrentava todas as imensas dificuldades da locomoção naquela vasta área, e até o fim cuidava fiel e carinhosamente de seus paroquianos.

No entanto, o seu principal mérito está no campo da educação dos nossos jovens. Um ano após a sua chegada, padre Boegershausen fundou uma escola particular, mais tarde transformada em escola pública — a nossa primeira escola pública — da qual ele foi diretor, até o momento de sua aposentadoria, há um ano atrás. A escola — a "sua" escola — era seu orgulho. Foram três gerações que, a seus pés,

receberam a sua primeira e — na maioria dos casos — a sua única instrução.

Em outra época, padre Carlos costumava participar ativamente da vida social e dos eventos de nossas diversas sociedades e, dada a sua cultura e o seu “esprit”, a sua presença era sempre das mais frutíferas e agradáveis. Foi ele — salvo engano — um dos fundadores da sociedade “Sängerbund” (Liga de Cantores). Comparecia sempre às nossas apresentações teatrais, aos nossos concertos e participava de festas familiares — até que, em consequência de uma denúncia infame, recebeu uma “advertência de cima”, o que o levou a renunciar a toda e qualquer atividade social. Transformou-se em eremita, dali em diante, passando a dedicar-se somente à sua igreja e à sua escola. E como a elas se dedicou! O quanto deu de si! A mais eloqüente prova do afeto e da veneração que, pela sua atuação, o padre educador conquistou no coração de toda a comunidade joinvillense, sem distinção de credo ou de idade, ele a recebeu ainda há poucos meses atrás, na grande manifestação popular, quando de sua demissão do cargo de diretor da Escola Pública!

Pôde o Reverendo Boegershausen descansar serenamente, sabendo que a sua existência não foi em vão.

Colocamos uma coroa de sempre-vivas em seu túmulo, como derradeira e modesta prova de gratidão e homenagem de um de seus alunos.

Que a sua alma repouse em paz...”

Vê-se pelo depoimento acima, que o nosso primeiro vigário foi, efetivamente, uma extraordinária, pessoa humana. Participou ele, durante largo tempo, como um dos membros do coral masculino da sociedade “Sängerbund”, aqui fundado em 1858 e regido pelo médico Dr. Wigand Engelke, seu amigo e companheiro de imigração. Mas, conforme nos revela o “Kolonie-Zeitung”, de um dia para o outro transformou-se em eremita, dedicando-se, de corpo e alma, ao sacerdócio e ao magistério.

Teve ele a grande alegria de poder sagrar, no dia 8 de dezembro de 1867, no dia de N. S. da Conceição, a sóbria igreja, construída pelo arquiteto Kroehne e demolida em 1965, para dar lugar à nova Catedral do Bispado.

Quanto ao prédio escolar condigno, tanto desejado pelo seu diretor, só se tornou realidade bem mais tarde, apesar do número sempre crescente de alunos, tanto católicos como evangélicos, uma vez que a esmagadora maioria dos imigrantes alemães — incluídos os suíços alemães, os austríacos e outros de língua alemã — era de confissão evangélica, enquanto as crianças luso-joinvillenses, todas católicas, durante as primeiras décadas eram pequena minoria.

Realmente, a escola fundada pelo padre Carlos, teve a estranha sorte de mudar de um local para outro, dezenas de vezes, por falta de prédio adequado. Durante vários anos ficou instalada na casa da Direção da Colônia, situada no alto da Rua do Príncipe, no local hoje ocupado pelo prédio pertencente ao Banco do Brasil ao lado do novo edifício recém-inaugurado do Banco. E somente no fim da década de

setenta é que, com o sacrifício da comunidade, foi possível levantar fundos necessários para a construção do imponente prédio à Rua da Escola, hoje rua Padre Carlos, nas proximidades do quartel do Corpo de Bombeiros — prédio este demolido quando da construção da avenida Juscelino Kubitschek, e que até então abrigava a Prefeitura Municipal de Joinville.

E o dia 8 de junho de 1880 foi dia de festa em Joinville — o grande dia do lançamento da pedra fundamental da “Escola de Padre”. As duas horas da tarde os alunos, todos endomingados, alvorçados, portando estandartes os meninos, e grinaldas de flores as meninas, saíram da Casa da Direção — igualmente engalanada com flores, bandeirolas, palmeiras, segundo o hábito na Joinville de nossos avós — marchando pelas ruas principais, igualmente enfeitadas com bandeiras, palmeiras e muita alegria, em direção ao local da cerimônia. Acompanhavam o préstito o padre Carlos, os professores da escola, a comissão então já constituída para cuidar da construção e grande massa popular. E, durante a cerimônia, naquela área de 2.000 metros quadrados, o padre explicou em rápidas palavras, como foi possível reunir os meios então já disponíveis, dizendo entre outras coisas:

“Um velho amigo da escola doou à Câmara Municipal de nossa Cidade este terreno de 2.000 metros quadrados. Muitos habitantes de nossa Colônia e muitos amigos deram consideráveis contribuições e até mesmo os menos favorecidos pela sorte fizeram sacrifícios, de coração aberto. As nobres senhoras e moças de Joinville, com a habilidade de suas mãos reuniram uma boa coleção riquíssima de maravilhosos trabalhos manuais, que renderam 700 Milrêis em benefício da construção. A sociedade Harmonia deu três espetáculos teatrais beneficentes, que nos deram 200 Milrêis. A sociedade Helvetia (do canto coral) nos doou a quantia de 50 Milrêis, lucro apurado no baile de seu aniversário de fundação. O sr. Teodoro Kuehne mandou para os ares, com participação nunca vista do público, uma apresentação de fogos de artifício, trazendo-nos “para baixo” 200 Milrêis. O sr. Cirino nos doou a quantia de 150 Milrêis, correspondente ao lucro de um espetáculo de seu circo. A casa da Direção não nos cobra o aluguel correspondente ao ano passado e prometeu o mesmo para o corrente, o que vem enriquecer o nosso patrimônio em 600 Milrêis. E assim contamos hoje com mais de 5 Contos de Réis. . .

É bem verdade que, até o término da construção do prédio, ainda se passariam vários anos. Mas a ala direita já pôde ser ocupada em janeiro de 1882, no início do ano letivo. Depois, foi a vez da ala esquerda e, finalmente da parte central, concluída em 1898. Quando a obra foi iniciada, o número de alunos era de cerca de 330, entre meninos e meninas. Contava a Escola — além do diretor — com 5 professores, sendo 2 professores auxiliares remunerados pelo Governo Estadual. Segundo nos conta o “Kolonie-Zeitung” de 10 de dezembro de 1881, os exames finais daquele ano foram, como sempre, excelentes, em todas as matérias: História Sagrada, Matemática — demonstrando excelente aproveitamento dos alunos, Português — com tradu-

ção do português para o alemão e vice-versa, conjugação de verbos etc., Geografia Física e Política, com apresentação de mapas feitos pelos alunos, de S. Catarina, do Brasil e do Mundo. História, inclusive sobre os indígenas brasileiros. História Natural, Caligrafia, Desenho, Canto Orfeônico. Ginástica e Trabalhos Manuais, desde simples meias de tricô até toalhas de mesa das mais artísticas — ‘provando que a professora faz tudo o que está ao seu alcance, para preparar as meninas, também naquele setor, para a sua futura profissão de dona-de-casa, conforme nos diz o relato do “Kolonie-Zeitang”...

Como não podia deixar de acontecer, padre Carlos muito se preocupou também com a falta de um bom e moderno hospital. Por isso, quando se tratou da construção de uma nova Casa de Saúde, na gestão do prefeito Procópio Gomes de Oliveira, o terreno foi doado pelo reverendo, sob a condição única de serem chamadas irmãs da Divina Providência, da Alemanha, para administrarem a “Casa de Caridade”, nome inicial do atual Hospital São José, à avenida Getúlio Vargas.

Para nos dizer quem foi o extraordinário ser humano Carlos Boegershausen, falecido há 78 anos atrás, nada mais apropriado, talvez, do que uma poesia composta por Ernesto Niemeyer, um dos mais famosos escritores em língua alemã, do Brasil. Era filho do Diretor da Colônia Dona Francisca, Louis Niemeyer, aqui nasceu em fevereiro de 1863, e foi aluno do grande educador Carlos Boegershausen. Eis a tradução da poesia de E. Niemeyer:

“Ser mestre da juventude — que árdua tarefa!

Honrai os mestres, sempre, pois sagrado é o seu mister!

Boegershausen! O quanto eu te agradeço, pastor da juventude!

Foi o amor, o puro amor à Humanidade, que te emprestou a paciência infinda.

Dedicaste quatro longos decênios ensinando, educando,

País e filhos e netos — foram gerações, que beberam teus sábios ensinamentos.

E foste o pastor extremoso e fiel de tua grande comunidade.

Romana era a oração — mas tolerância e bondade infinita havia em tua alma. Transmitiste-nos a sublime lição:

Ser forte é querer o nobre. Mais forte do que o ódio, é o amor!

Cada qual será humano e dos seres humanos um amigo,

Basta desejá-lo e todos nós teremos o amor, e de alegria se encherá o coração!”

**Elly Herkenhoff**

## Federico Carlos Allende, Um Coração Blumenauense



Com a idade de 81 anos, faleceu, dia 28 de setembro último, nesta cidade Federico Carlos Allende. Apesar de sua considerada avançada idade, seu falecimento causou profunda consternação não só nos círculos de amigos de idade mais avançada, que conquistou quan-

do de suas intensas atividades empresariais, sociais e jornalísticas de um passado não muito recente, como também entre as gerações mais jovens do presente. E por quê? Simplesmente porque Allende não se isolou totalmente da comunidade, mas sim, mesmo aposentado e afastado de quaisquer atividades políticas, culturais e comerciais sempre fez-se presente a todos os atos públicos e sociais, mantendo um relacionamento perfeito através das gerações de blumenauenses. Sua personalidade, com as características que sempre o identificaram como um homem acessível ao diálogo, à amizade, à comunicação, popularizou-se, assim, através dos longos anos de sua útil existência. Esta é a razão pela qual, seu falecimento, apesar de sua idade, foi profundamente sentido em toda a comunidade, já que, em quase todos os segmentos sociais, esportivos ou políticos enraizados através dos diversos bairros e subúrbios de Blumenau, F. C. Allende possuía amigos incondicionais integrantes de clubes sociais ou esportivos que haviam tido nele sempre um amigo e um dedicado colaborador.

Federico Carlos Allende ajudou a fazer a história de Blumenau nas décadas contemporâneas. Seu trabalho em prol do desenvolvimento dos diversos pólos que sempre comandaram o desenvolvimento sócio-econômico do município e da região, foi dos mais notáveis. Desde a Associação Comercial e Industrial de Blumenau, da qual foi presidente durante oito anos, até o setor político, dentro do qual atuou com exemplar eficiência, ocupando as funções de vereador e destacando-se nas comissões que integrou, F. C. Allende firmou um conceito de valor histórico, pois foi um dos mais expressivos paladinos do desenvolvimento cultural, comercial, político e histórico de Blumenau, cidade que adotou como sua, aqui criando profundas raízes e aqui educando seus filhos e vendo nascer seus netos e bisnetos. Por isso seu coração tornou-se, há muitos anos blumenauense. E foi como legítimo blumenauense que Allende viveu, trabalhou, lutou, colaborou, deu tudo de si em favor da comunidade em que viveu os melhores anos de sua vida.

Embora tenha vindo para Blumenau para atuar como empresário que era, F. C. Allende possuía outros pendores que se destacaram sempre de sua personalidade, à margem de sua atividade empresarial: o jornalismo. Era um jornalista nato, dotado de um tirocínio admirável na produção de seus trabalhos de elevado alcance social e cultural. Seu estilo, sua paixão pelas letras, sempre em defesa dos mais sãos princípios de honestidade e coerência, fizeram-no admirado, respeitado e, acima de tudo, aplaudido ao longo dos anos em que fazia aparecer seus escritos nas páginas dos principais jornais da cidade. Daí ter sido responsável, também, pelo aprimoramento de várias gerações que o acompanharam no seu trabalho jornalístico.

Mesmo ocupando as funções de presidente da ACIB, Allende viveu intensamente entre jornalistas, radialistas e desportistas, em cujo meio sentia-se muito à vontade, sendo nestes segmentos da vida pública, social e esportiva que encontrou o maior volume de amizades e de aplausos pelo apoio e incentivo que de sua parte nunca faltaram a todas as boas iniciativas comunitárias.

Federico Carlos Allende, não era blumenauense de nascimento. Era-o de coração, como já dissemos. Nasceu em Santos, São Paulo, no dia 27 de setembro de 1904, filho de Federico Carlos Allende & Sanchez e Elisabeth Mehlmann Allende. Teve a infelicidade de, com apenas 4 anos de idade, perder seu pai, que faleceu prematuramente.

Sua mãe dona Elisabeth Mehlmann Allende, que possuía a profissão de dentista, quando teve a infelicidade de ver seu esposo adoecer, instalou seu consultório odontológico para poder atender aos encargos da família, visto que seu esposo ficou impossibilitado de fazê-lo. Já possuíam então quatro filhos, sendo 3 meninas e um único rapaz, que era justamente o nosso F. C. Allende.

Agravando-se o estado de saúde de seu pai, este viajou para a Espanha na esperança de lá encontrar a cura para seus males. Todavia, lá mesmo faleceu em agosto de 1908.

Federico Carlos Allende, órfão de pai aos 4 anos, fez seus estudos primários na Escola Alemã, em São Paulo, ingressando mais tarde no internato do Colégio Salesiano, vindo concluir o curso ginasial em Curitiba, para onde sua família havia transferido residência.

Depois de cursar a Escola de Comércio, em 1924, estabeleceu-se com o ramo da topografia e livraria, dedicando-se à impressão de jornais e revistas. Foi fundador de uma revista dedicada à mocidade e a manteve durante 15 anos.

Em colaboração com Jorge Lacerda, que mais tarde foi Governador de Santa Catarina, fundou o semanário integralista "A Razão", de grande circulação em vários Estados.

Em 1928, F.C. Allende contraiu núpcias com a jovem Thereza Clara Kurowski, advindo dessa união quatro filhos, sendo dois rapazes e duas moças.

Em 1939, como Inspetor da Cia. de Seguros Atalaia, veio para Blumenau onde instalou uma filial dessa companhia com jurisdição para todo o Vale do Itajaí, expandindo mais tarde suas atividades para todo o Estado catarinense. Sua permanência em Blumenau foi definitiva, pois retornando a Curitiba, aceitou o convite dos diretores da firma João Prosdócimo Ltda., passando a exercer o cargo de gerente da filial dessa praça. Com a mudança da razão social dessa organização comercial para Prosdócimo S.A., foi eleito Diretor da filial de Blumenau, radicando-se definitivamente em nossa cidade. Durante os 20 anos em que esteve à frente dos destinos dessa firma, conseguiu, com muito esforço, tirocinio e zelo extraordinário, dinamizar sua estrutura interna, contribuindo, sem dúvida, para o alto conceito que sempre desfrutou essa organização no meio da população blumenauense.

Embora a contragosto e atendendo a recomendações médicas, solicitou seu afastamento do cargo, pois o esforço de todos esses anos de trabalho haviam debilitado sensivelmente seu estado físico.

Teve destacada atuação no jornalismo blumenauense, como já frisamos, pois além de exercer o cargo de secretário da "Cidade de Blumenau", onde colaborava também com seus artigos, sempre atuou com destaque em todos os setores da imprensa blumenauense.

Mais tarde foi diretor do jornal "A Nação", ilustrando suas páginas com magistras artigos, além de crônicas diárias, sob o pseudônimo de "Jarbas", trabalhos estes que ainda podem ser encontrados nas páginas daquele órgão, cuja coleção completa das edições ao longo dos anos em que circulou acha-se guardada no Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Federico Carlos Allende foi também um dos fundadores e incentivadores da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí, — AIRVI, — sendo posteriormente eleito seu presidente. Como presidente dessa entidade, teve papel de destaque em várias iniciativas tomadas na época, prestigiando sempre a entidade pela sua presença em todos os acontecimentos de vida pública blumenauense, como social e esportiva.

No setor esportivo, no qual teve também atuação de destaque, pelo prestígio que sempre deu aos clubes e outras sociedades, tornou-se tão benquisto que foi eleito presidente do antigo Brasil E.C., mais tarde Palmeiras e atualmente Blumenau E.C.. Foi Secretário e mais tarde Presidente do Clube Náutico América, tendo sido também eleito sócio benemérito da S.E. Vasto Verde, da Sociedade União dos Viajantes do R.G. do Sul, assim como da Associação dos Representantes Comerciais do Estado de São Paulo (ARCESP).

Exerceu com proficiência e grande capacidade realizadora, a presidência da Associação Comercial e Industrial de Blumenau durante oito anos, para cujo cargo foi reeleito várias vezes. Durante estes oito anos de administração da ACIB, Allende, por sua excelente gestão, conseguiu fazer com que essa entidade se tornasse conhecida e respeitada em todo o Brasil, pelas iniciativas que tomou no intercâmbio com entidades do mesmo gênero nos principais centros do país, pelas oportunas palestras, seminários e outros conclaves que promoveu na ACIB, sempre com a presença de figuras das mais representativas nas esferas comerciais e industriais do país.

No campo das atividades políticas, Federico Carlos Allende também teve um dos mais notáveis desempenhos. Justamente pela sua popularidade, estima e respeito em que era tido na comunidade blumenauense, foi eleito vereador, sob a legenda da União Democrática Nacional (UDN), com expressiva votação, tendo exercido durante os quatro anos de mandato, as mais vigorosas atividades legislativas, ocupando o cargo de líder da bancada do seu partido, em cujas funções teve sempre um desempenho à altura das tradições políticas de Blumenau, pela maneira comedida, inteligente com que se portou. Além de líder da bancada, foi também Presidente da Comissão de Finanças e membro da Comissão de redação, procurando sempre pautar suas atividades dentro da mais pura ideologia política, visando acima de tudo os interesses da coletividade e o respeito aos seus pares. Daí ter sido sempre um dos vereadores mais admirados, estimados e respeitados durante o período em que exerceu seu mandato.

Durante quatro anos Allende foi presidente da PROEB, tendo tomado parte ativa em todas as exposições industriais e agropecuárias que tanto sucesso sempre alcançaram. Sua ação foi sempre das mais

objetivas, sabendo alicerçar seu mandato pela seleção das pessoas que o auxiliaram no desenvolvimento dos planos traçados naquele setor de exposições. Nesta atividade, Allende também prestou os mais assinalados serviços a Blumenau.

Como o homem de plena atividade comunitária, integrado aos seus diversos segmentos sociais e econômicos, não podia deixar de integrar-se ao círculo que sempre congregou e congrega as figuras mais representativas da coletividade. Foi assim convidado a ingressar no Rotary Clube de Blumenau, em cujo meio viveu até seus últimos anos de vida, e em cuja agremiação desempenhou as mais importantes tarefas, tendo, após muitos anos de atividades incansáveis, sido proclamado sócio-honorário. Deu, em Rotary, o melhor de si em prol dos ideais rotarianos e em favor da comunidade em geral.

Em 1974, já aposentado em suas principais atividades profissionais, Federico Carlos Allende, com o desaparecimento, em trágico desastre automobilístico, do historiador José Ferreira da Silva, deixando vago o cargo de diretor executivo da recém-criada Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi convidado a ocupar aquele cargo, tendo sido empossado nas mesmas funções até então desempenhadas por Ferreira da Silva. Apesar do ínfimo salário que recebia, Allende aceitou o cargo movido pelo seu amor à história e às coisas de Blumenau que ele tanto e sempre amou. Em apenas alguns meses à frente dos destinos desta entidade cultural e histórica e, comprovando ser de fato um emérito administrador, não limitou-se, somente, a continuar a obra de seu antecessor, mas, também, realizar um trabalho cujos resultados se fizeram sentir pela renovação que introduziu na Biblioteca, mudando as estantes de madeira, substituindo-as por estantes de aço. Instalou uma pequena tipografia e passou a editar a revista mensal "Blumenau em Cadernos" em oficinas próprias, o que fez melhorar em muito a sua apresentação.

Desejando usufruir melhor a sua merecida aposentadoria, Allende retirou-se da vida pública, chocado com a morte de seus melhores amigos e principalmente de sua esposa d<sup>a</sup>. Tereza, que, após longos anos de sofrimentos, descansou na paz do Senhor, confortada pelos Santos Sacramentos da Igreja, justamente no dia de Natal de 1977. O consórcio do casal durou 49 anos na mais completa paz, com muito amor e carinho.

Apesar de profundamente chocado com o desaparecimento da esposa, Federico Carlos Allende ainda viveu os últimos oito anos de sua vida, cercado pelo carinho de seus familiares e o calor afetivo dos amigos que, constantemente, o procuravam para renovar as amizades que ele sempre desfrutou. Participou de muitos eventos, como convidado especial, viajou, enquanto suas forças o permitiram. Neste ano de 1985, Allende enfraqueceu bastante, não só pelo peso dos seus 81 anos de idade, mas especialmente pelos desgastes sofridos no desempenho das múltiplas atividades desenvolvidas ao longo de mais de 30 anos no convívio com a comunidade blumenauense.

Acometido de pertinaz enfermidade contra a qual muito lutou,

suas forças foram cedendo e acabou falecendo no dia 28 de setembro passado.

Seu falecimento causou a mais profunda repercussão na comunidade blumenauense. Seu corpo foi muito visitado e acompanhado à sua última morada por numerosas pessoas, justificando a estima e admiração em que sempre foi tido entre a população.

Frederico Carlos Allende desapareceu fisicamente da comunidade. Mas espiritualmente, em memória, estará sempre presente, já que deixou, como descendentes seus, figuras muito estimadas e admiradas dentro da comunidade blumenauense. Estes saberão preservar, para sempre, sua memória, como exemplo de trabalho dignidade, sentimentos cristãos e profundamente humanos, que sempre ornamentaram a figura e o caráter de Allende.

São seus filhos: Maria Tereza Gonçalves da Luz, viúva do sr. Harad Gonçalves da Luz; Frederico Carlos Allende Júnior, casado com a sra. Helga Kaestner; Antônio Flávio Allende, casado com a Sra. Hiltrud Brandes; Miriam de Lourdes Allende, solteira. Possuía, destes consórcios, sete netos, que são: José Carlos Gonçalves da Luz, casado com Sueli; Zuleika Gonçalves da Luz Pereira, casada com Jaarez; Mercedes Allende Bergan, casada com Dag; Frederico Carlos Allende Neto, casado com Liane; Patrícia Juliana Allende, solteira; Antônio Flávio B. Allende, casado com Sílvia e Sérgio Maurício B. Allende, casado com Diva. Dos consórcios dos seus netos, Allende teve a felicidade de abençoar e conhecer os seguintes bisnetos: Roberta Aline Gonçalves da Luz, Carolina Gonçalves da Luz Pereira, Mayra Gonçalves da Luz Pereira, Dag Alexandre Bergan, Débora Bergan, Luiz Gustavo Allende, Priscilla Allende e Yuri Allende.

---

## *Exposição atinge objetivos*

Uma exposição de trabalhos realizados pelas crianças da Escolinha de Artes do Departamento de Cultura ficou aberta à visitação pública de 07 a 11 de novembro no saguão da Prefeitura Municipal. Mais de mil trabalhos manuais dos alunos da Escolinha de Artes Monteiro Lobato foram colocados à mostra e visitados por aproximadamente 800 pessoas. A promoção atingiu seus objetivos e apresentou à comunidade o trabalho daquele setor.

As mais variadas expressões artísticas foram apresentadas ao público. Na exposição, encontrava-se desde simples desenhos até presépios completos ou cidades inteiras feitas de papelão, sucata e outros materiais. Este é o trabalho das professoras da Escolinha de Artes que orientam seus alunos para a confecção de trabalhos de arte, sempre deixando a liberdade necessária para que a criança tome a iniciativa e coloque em ação sua criatividade.

A Escolinha de Artes tem crianças de 5 a 12 anos e funciona no prédio da antiga Prefeitura, hoje Centro de Cultura.

# Roda-gigante da vida

Afonse Rabe

O giro da roda-gigante nos lembra o ciclo da vida: tem entrada, tem subida, um topo, descida e saída. O roteiro, ora longo ora curto, feliz ou malfadado, pode ser plano ou acidentado; sereno ou perturbado.

No curso de cada rodada, os infortúnios ou venturas, sucessos, malogros, risos, mágoas ou mesmo torturas, muitas vezes são reflexos, em proporção igual, de conduta, impeto, normas ou de ação pessoal.

A primeira etapa é a da infância despreocupada que, nos folguedos irriquietos tem a distração. A seguir, na escola, começa a ser disciplinada, aprendendo os ensinamentos básicos da educação.

Em um segundo lance destaca-se a adolescência; período assaz conflituoso e de auto-afirmação. Asprezas eventuais, aplanadas com eficiência, podem salvar uma relevante virtude ou aptidão.

Continuando, o trajeto chega ao píncaro das rodadas. Fase longa e fértil em figuras atuantes e renomadas. Boas iniciativas, nem sempre são deveras apreciadas, mas, algum dia, poderão ser, com justiça, premiadas.

Por seu valor, capacidade e pertinácia, incontestáveis, no contexto, sempre serão colaboradores indispensáveis; quer, analisando problemas, quer, elaborando planos, administrando, construindo obras ou reparando danos.

A inexorável descida de zênite deixa viandantes inquietados, muito embora respeitados continuem feitos seus conceituados. Porém, as pesquisas prosseguem e novos conhecimentos avultam, que a serviço da humanidade, em úteis melhoramentos resultam.

Intercâmbios dadivosos alimentados com probidade, aproximam gerações; lhes trazem ganhos e amizade. Esforços conjugados com respeito e deferência mutual, aumentam o bem-estar geral e elevam o nível cultural.

Na próxima fase da rodada, a dos decenários avançados, muitos, por motivos variados, da luta preferem desansar; e, ao cederem direitos e favores de encargos ocupados, seus lazeres prediletos, na plenitude, merecem desfrutar.

É de justiça, reverenciar dignas exceções,  
de cidadãos provecos, de cepa admirável,  
que, com energia incomum e senso notável,  
prosseguem, respeitados, em suas posições.

Do final inevitável, não há motivo para ficar temente.  
Ninguém e nada, em parte nenhuma, jamais estará só.  
Em tudo, o CRIADOR do todo, está presente eternamente;  
sejam vivos, sejam mortos ou já transformados em pó.

Eis aí algumas fantasias sobre a, ora faceira,  
ora um tanto traiçoeira, roda-gigante da vida,  
de quem, já completada, quase a volta inteira,  
espera, resignado e grato, o momento da saída.

---

## Fundação "Casa Dr. Blumenau" receberá ajuda da Alemanha

O diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", escritor José Gonçalves, recebeu em princípios de novembro uma correspondência do prefeito da cidade de Weingarten (Alemanha) garantindo auxílio para a construção do novo prédio da Biblioteca Pública Municipal.

A correspondência datada do dia 18 de outubro e assinada por Rolf Gerich, prefeito daquela cidade, garante uma ajuda de 3 500 marcos para o primeiro semestre de 1986. Segundo Gerich, após comentar de forma saudosa sua visita a Blumenau, em especial o Horto Botânico e depois de referir-se ao nosso "prato nacional", a feijoada, e de comentar os laços de amizade que unem as duas cidades, mencionou um projeto de ajuda ao terceiro mundo, inclusive, quando em poucas semanas conseguiram arrecadar 43.000 marcos para a reconstrução do Hospital Santo Antônio de Blumenau.

Agora, afirma Rolf Gerich, "encaramos com simpatia este pedido de auxílio e asseguramos que a importância desejada (3.500 marcos) estará garantida para o primeiro semestre de 1986".

A pronta resposta do prefeito de Weingarten vem atender ao pedido do diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", José Gonçalves, seu amigo pessoal, que está muito satisfeito com a acolhida do pedido ao mesmo tempo em que lembra esta mesma receptividade nas indústrias de Blumenau, embora ainda falte muito para completar o que realmente é necessário para a conclusão do prédio, e precisa assim, de mais colaboradores.

O prédio que abrigará o Arquivo Histórico e a nova Biblioteca Pública Municipal está em fase de conclusão e conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Blumenau.

# BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior)

De tudo isto tornava-se forçoso concluir que, como empreendimento particular, a colônia só poderia proporcionar lucros a longo prazo e após maciças inversões de capital, para as quais o Dr. Blumenau não possuía recursos. Propôs ele, portanto, ao governo imperial que este lhe comprasse a colônia. A transação efetuou-se em 1859. Pelos seus termos o poder público recebeu terras numa extensão de 23,75 léguas quadradas (exceto alguns terrenos, num total de 8.500 jeiras, que ficaram em posse do Dr. Blumenau), bem como todas edificações, estradas, pontes, plantações e os débitos dos colonos para com o antigo proprietário, da ordem de 40 contos. O preço total foi fixado em 120 contos, dos quais Blumenau só recebeu 35, pois 85 contos foram descontados pelos adiantamentos e empréstimos feitos anteriormente.

Desta forma, tornou-se a empresa do Dr. Blumenau colônia oficial, e seu fundador foi nomeado diretor da mesma, com ordenado pago pelo governo.

## IV — Blumenau, colônia oficial

Com a passagem de Blumenau à situação de colônia oficial, desaparece um dos mais importantes óbices ao seu desenvolvimento: a falta de recursos para investir em obras públicas. O governo imperial, sob cuja responsabilidade ficou a colônia, investiu na mesma 2.468 contos entre 1860 e 1882, o que dá uma média de 112 contos por ano. Se lembrarmos que nos 10 anos anteriores os investimentos realizados pelo fundador se restringiram a 85 contos de adiantamentos e empréstimos, além da herança paterna, da ordem de 48.000 marcos, é fácil ver que o volume de investimentos em obras públicas deve ter-se multiplicado várias vezes.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Em função deste fato o desenvolvimento da colônia se acelerou. Podemos verificar isto pelo aumento do número de imigrantes.

**TABELA III**  
**Imigração para a colônia de Blumenau — 1860-69**

Ano	Estrangeiros	Brasileiros	Total	Sairam	Total
1860	91	—	91	7	84
1861	548	32	580	18	562
1862	607	27	634	27	607
1863	168	41	209	39	170
1864	127	35	162	21	141
1865	199	22	221	17	204
1866	162	19	181	12	169
1867	223	31	254	16	238
1868	1.407	12	1.419	73	1.346
1869	979	21	1.000	82	918
Total	4.511	240	4.751	312	4.439

Fonte: C. WAHLE, "Povoamento da Colônia de Blumenau", in Centenário de Blumenau, pgs. 129/137.

A primeira coisa que chama a atenção na Tabela III, em comparação com os dados da Tabela II, é o incremento no número de imigrantes, principalmente em 1861 e 1862. Nestes 2 anos veio à colônia mais gente que nos 10 anos anteriores. Em 1863 e nos seguintes até 1868 o volume cai, embora se conserve em nível substancialmente mais elevado que no decênio anterior, cuja média anual era de 93 imigrantes apenas.

Como vimos, a queda relativa da imigração alemã não só para Blumenau mas para todo o país, leva o governo a comissionar o Dr. Blumenau para, na Alemanha, incentivar a vinda de seus compatriotas ao Brasil. A ida do seu diretor para a Europa com esta finalidade foi sumamente vantajosa para a colônia, pois a ação do Dr. Blumenau certamente se orientou no sentido de encaminhar os imigrantes, de preferência, para sua própria colônia. Em 1865, o Dr. Blumenau vai para a Alemanha, porém sua ação não se faz sentir até 1868. No ano anterior, o júri da Exposição Internacional de Paris concedeu ao Dr. Blumenau um dos 10 grandes prêmios, sob forma de uma medalha de ouro e de 10.000 francos. Este fato, considerando-se a grande repercussão que o prêmio deve ter tido, provavelmente contribuiu para avolumar a imigração para a colônia. Em 1868 e 1869 vieram a Blumenau mais da metade do total de imigrantes da década.

Se examinarmos o Gráfico nº. 1, a respeito da imigração alemã ao Brasil e a Blumenau verificamos que entre 1856 e 1869 a grande maioria dos imigrantes chegados ao país se encaminhou à colônia. Evidentemente, parte desta tendência pode ser atribuída às falhas no cômputo da imigração global ao país, como já ressaltamos anteriormente. Mas, mesmo assim tudo nos leva a crer que a atividade de Blumenau na Europa contribuiu de maneira relevante para que a co-

lônia, pelo menos neste período, se tornasse alvo privilegiado da imigração alemã para o Brasil.

Outro fato digno de nota é que a partir de 1861 começa a surgir uma corrente de imigração de brasileiros para a colônia. Embora modesta, no início (ela crescerá de forma significativa na década seguinte), ela mostra que Blumenau já começa, na década dos sessenta, a se tornar um centro econômico de alguma importância na região, a ponto de atrair brasileiros, para os quais as vantagens de se integrar numa comunidade quase inteiramente de alemães devem ter sobrepujado os óbices decorrentes da necessidade de passar por um processo de aculturação, em que o ônus maior de mudança e adaptação tinha que pesar, obviamente, sobre a minoria autóctone.

É de se notar ainda que o volume relativo de saídas cai verticalmente. De cerca de 30% do total de imigrantes em 1850/59, as saídas se reduzem a apenas 7% em 1860/69. Este fato evidencia a melhoria das condições de vida na colônia. Os tempos duros do pioneirismo foram ultrapassados e as condições de integração, na colônia se foram tornando cada vez mais favoráveis ao recém-chegado.

Para isso contribuíram, em escala nada desprezível, os investimentos do governo. Expandiram-se os caminhos carroçáveis, construíram-se escolas (em 1869 havia 2 públicas e 5 particulares) e igrejas (uma protestante e outra católica, com fundos doados pelo imperador). Em 1868 o governo enviou à colônia uma comissão de engenheiros e agrônomos para facilitar a instalação dos colonos em seus lotes.

O resultado de tudo isto tinha que ser um aumento acentuado da população. Entre 1860 e 1869 o número de nascimentos na colônia foi de 1.306 para apenas 420 óbitos, o que dá um saldo de 886, ao qual devemos acrescentar um total de 4.439 imigrantes que ficaram e o total de habitantes em 1859: 943. Deste modo a população da colônia em 1869 deve ter sido de 6.268 almas. J. Ferreira da Silva registra apenas 5.985, pois segundo este autor imigraram a Blumenau, entre 1860 e 1869, apenas 4.511 pessoas. Seja como for, podemos considerar com segurança que a população de Blumenau sextuplicou entre 1860 e 1869, apresentando-se no fim do período com cerca de 6.000 habitantes.

Evidentemente, o aumento da população levou a uma expansão do mercado interno e, portanto, ao crescimento da divisão social do trabalho. Se compararmos o artesanato existente em 1859 e em 1869, na colônia, veremos que os seleiros passaram de 2 para 6, os marceneiros de 6 para 36, os pedreiros de 3 para 27, os ferreiros de 2 para 13, os carpinteiros de 6 para 35, os alfaiates de 2 para 16, os sapateiros de 3 para 19, os padeiros de 1 para 2 e os latoeiros de 1 para 2 também. Havia ainda, em 1869, os seguintes estabelecimentos e profissionais não mencionados na estatística de 1859: 8 olarias, 2 de louça de barro, 1 fábrica de cerveja, 1 de vinagre, 2 moinhos de azeite, 8 açougueiros, 5 torneiros, 4 construtores de engenhos, 2 encadernadores, 1 relojoeiro, 1 ourives, 1 médico, 1 farmácia, 3 parteiras, 17 casas de secos e molhados e 22 casas de pasto e pensões. Tudo isto dá uma

idéia da vasta expansão do mercado interno da colônia, que um aumento de 500% da população acarretou, no curto prazo de 10 anos. É provável que a maioria destes artesãos e comerciantes também se dedicasse à agricultura, mas a expansão da procura por seus serviços e produtos especializados deve tê-los forçado a dedicar uma parte cada vez maior do seu tempo à procura "comercial".

Paralelamente a esta expansão do mercado interno nota-se uma ligação cada vez mais profunda de Blumenau com o mercado nacional. Em 1869 havia na colônia 76 engenhos, 62 alambiques, 65 engenhos de farinha de mandioca, 6 fábricas de charutos, 18 engenhos de serrar, 3 descascadores de arroz. Constituíam as empresas que produziam (parcialmente) para a exportação. Esta aumentou bastante no decênio em consideração. Em 1859 para uma exportação de 13,2 contos, a importação atingia 25. Em 1864, segundo o relatório do diretor da colônia referente àquele ano, a exportação alcançou 17 a 19 contos, consistindo principalmente de açúcar e aguardente, fumo e charutos e madeira serrada; a importação chegou a 40 ou 50 contos, compondo-se de sal, ferro, tecidos, couros curtidos, ferragens, etc.

Em 1866 a exportação dobrou, em relação a 1864, alcançando a cifra de 38 contos, dos quais 21 eram representados por tábuas (55,6%), 5 por açúcar (13,1%), 3,5 por aguardente (9,3%) e 2,4 por charutos (6,3%).

(Continua)

---

## ROESE GAERTNER

Edith Kormann

Uma nota no "Kolonie Zeitung" ( ), entre outras notícias, referindo-se ao teatro, comentava o grande sucesso obtido durante a última apresentação. O autor da nota, Pastor Hesse, comentava — "as dificuldades do Grupo Teatral, considerando os integrantes disponíveis numa Colônia que estava galgando os primeiros degraus, e que não poderia satisfazer de imediato ou apresentar bons espetáculos ao público, apesar de envidar todos os esforços possíveis, na última apresentação careou para o espetáculo numeroso público, que lotou todo o espaço. É que o Grupo Teatral além do trivial "Humoristische Studien" (Estudos Humorísticos), apresentou de Kotzebue "Der gerade Weg ist das beste" (O caminho reto é o melhor). Na primeira peça o trabalho de conjunto dos atores foi um sucesso notável, o que também aconteceu com a segunda peça, considerando ainda o excelente conteúdo da mesma. Foi um bom espetáculo". A crítica sobre estas peças feitas pelo Pastor Hesse dizia ainda o seguinte — "Notava-se durante toda a apresentação nada de debutantes de braços e pernas rígidas e sim notável naturalidade, onde cada ator mostrou sua capa-

( ) Kolonie Zeitung nº. 14 de 2/4/1864

cidade, principalmente na comédia. Após o espetáculo, o baile prendeu associações e convidados até o amanhecer”.

É evidente que o sucesso obtido foi obra de Rosália Gaertner ou Roese, como era carinhosamente tratada. Roese era apaixonada pelo teatro, fato que a levou a fundar o Grupo Teatral que dirigiu com carinho e dedicação até a data da sua morte. Como os primeiros encontros do Grupo Teatral foram na casa de Johann Thomas Reinhardt, o primeiro palco também foi improvisado na casa de Reinhardt, passando posteriormente para a Sociedade dos Atiradores, uma construção simples com um palco rudimentar, onde eram encenadas peças teatrais que atraíam a população total da Colônia, bem como das vizinhanças. As peças sob a direção de Roese eram bem representadas e Roese e Gustav Salinger quase sempre faziam os principais papéis. Também a Rudolf Krause foram atribuídos papéis de responsabilidade quando ingressou na Sociedade Teatral Blumenau.

Rudolf Krause fundou uma fábrica de caixinhas de madeira para charutos na Barra do Rio em Itajaí e viajava duas vezes por semana com o vapor “Progresso” para participar dos ensaios. Os nossos amadores venceram muitos obstáculos, e mais tarde quando representaram papéis de maior gabarito e responsabilidade se portaram como verdadeiros artistas. Roese não gostava de se apresentar para uma plateia heterogênea, não era discriminação, era o medo da crítica negativa a que não gostaria de ser submetida. Viktor Gaertner, marido de Roese, era filho de uma irmã do Doutor Blumenau e veio com o tio em 1863 para auxiliá-lo na administração da Colônia. Algum tempo depois estabeleceu-se com uma casa comercial num prédio ao lado de sua residência na Alameda das Palmeiras. Viktor Gaertner foi Vice-Cônsul da Alemanha em Blumenau desde julho de 1867 até 1888, quando faleceu. A sua casa foi o centro intelectual da Colônia. Roese ao ficar viúva assumiu a família, sendo auxiliada pela filha mais velha que era adjunta da escola de primeiras letras regida por Apolônia von Buettner. Os três filhos mais velhos foram para outros centros, o quarto filho auxiliou-a nos negócios, dois frequentavam a escola e a mais moça, Edith, não havia completado idade para frequentar a escola. Além de dirigir o pequeno negócio ao lado de sua casa, gerenciava ainda os pequenos vapores, “Progresso” e “Blumenau” da Cia. Fluvial. As grandes responsabilidades não a fizeram esquecer o “seu teatro”, e mesmo confiando aos mais jovens os principais papéis nas peças teatrais, ela cuidava para que nada faltasse no palco; selecionava e ensaiava as peças, caracterizava atores, servindo de ponto quando Karl Wilhelm Friedenreich era obrigado a faltar.

Roese era excelente amazona e não havia obstáculos que não saltasse. Segundo o relato de uma parente, Roese era muito corajosa e o provou quando teve que viajar para o interior da Colônia e o cocheiro embriagou-se. Roese puxou o cocheiro para o banco de trás, tomou as rédeas e voltou para casa guiando os cavalos. Preocupada com o cocheiro que poderia cair, dirigiu o carro lentamente, chegando na Vila a meia-noite. Foi até a esquina onde morava Franz Lungershausen, proprietário do carro, tirou-o da cama, entregou o carro e o

conteúdo dizendo com raiva: "Tome, devolvo-lhe o seu belo cocheiro".

Rosalie Julie Auguste Sametzki, nasceu em Neder-Gerlachsheim bei Lauban-Schlesien — Alemanha, filha do Alferes Julius Sametzki, Voluntário da Guerra do Paraguai e Auguste Becker Sametzki. A família veio para Blumenau em 24 de julho de 1859, e Roese tinha 17 anos de idade. Em 30 de junho de 1861, o Pastor Hesse casou-a com o oficial prussiano von Lepper do qual foi separada judicialmente no dia 23 de junho de 1865, pelo Juiz de Direito Doutor Joaquim Antônio da Silva Parata. No dia 29 de junho de 1865, casou-se com Viktor Gaertner, natural de Hasselfelde — Braunschweig — Alemanha, nascido no dia 14 de maio de 1832 e falecido no dia 6 de novembro de 1888. Roese, faleceu no dia 26 de dezembro de 1903 de moléstia no estômago, e foi uma lamentável perda para a família e amigos, principalmente para a Sociedade Teatral "Frohsinn", que teve dificuldades em encontrar uma substituta. Inicialmente assumiu as funções, a filha Else, que além de dirigir os espetáculos, tinha outros encargos sociais. Else foi auxiliada por Gustav Salinger, que com a morte de Roese foi eleito presidente, cargo que ocupou até 1917, quando se retirou devido a avançada idade. Atualmente o Teatro "Carlos Gomes" remanescente do "Frohsinn" não mais possui um Grupo Teatral que faça jus às glórias do passado.

O "Blumenauer Zeitung" nº. 52 de 29 de dezembro de 1900 publicou o necrólogo de Roese Gaertner, falecida no dia 26 de dezembro:

"Dama inteligente, de coração generoso, exerceu importante papel na sociedade blumenauense; era muito estimada, respeitada e venerada ainda por muitas famílias que dela sempre tiveram apoio e ajuda em todas as situações, quer auxiliando-as pecuniariamente, quer dando-lhes sábios conselhos e orientação certa na solução de problemas com os quais vinham à sua presença. Por muitos anos foi diretora da Agência da Companhia Fluvial, em cujo encargo demonstrou extraordinária capacidade pelo que grangeou a gratidão e o respeito não só da referida Sociedade Anônima, como também de todos os funcionários e empregados da empresa. Por ocasião de realizações de festejos públicos ou particulares, sempre foi consultada e ouvida a sua opinião, pois demonstrava bom gosto nos arranjos destas festas e decorações de ambiente. Principalmente no ramo teatral, foi incansável atividade e talento, dedicando todo o seu tempo disponível no desenvolvimento da cultura artística e atividade teatral, conquistando também grandes triunfos, quando atuava em peças, interpretando os mais difíceis papéis com muito bom desempenho. O Teatro "Frohsinn", muito lhe deve, pois foi ela a mais ativa orientadora e eficaz sustentáculo dessa sociedade cultural".

Roese gostava de pássaros, flores e da nossa nata virgem, pois numa carta que escreveu aos avós que residiam em Dresden-Sachsen-Alemanha, ela externa toda a sua sensibilidade às belezas e às coisas simples que adotou em sua nova Pátria. O conteúdo da carta datada de 15 de agosto de 1860 é o seguinte:

Queridos avós!

Espero que esta carta os encontre bem de saúde. Fico conten-

te em saber que agora estão bem de saúde. Aqui vivemos no meio da natureza e tu meu avô, certamente gostarias de viver aqui. O nosso lar, a casa onde moramos é coberta de folhas de palmitadeiras, sem janelas e sem assoalho, e a uns trinta passos da mesma está a mata virgem entre as mais belas flores e em volta das mesmas ver o beija-flor voando. O chão está coberto de barações, nos quais muitas vezes corre-se o perigo de cair. Do topo das árvores, os barações enviam seus cipós até o chão, sendo que alguns deles são finos e outros chegam a ter a grossura de um braço. Deste cipó fazemos cordas que são mais fortes do que o sisal. Com estes cipós amarramos as paredes das casas. Que passarinhos de cores e formas inimagináveis! Tangerinas, pêssegos, mamãos e outras frutas para nos deleitarmos no verão que chega a 30 e 32°. Naturalmente para os que gostam de folgedos, estes faltam. Mas também os temos aqui. Eu danço ao som de um violino e um harmônio, enquanto na Alemanha se ouvem orquestras e coros. Cada terra com seus costumes. Nossos trajes são muito simples: os homens usam camisa azul e a calça segura por um cinto no qual penduram um facão de dois palmos. Nós mulheres, vestimos saia e blusa e em geral andamos descalças ou calçamos tamancos, e naturalmente somos alegres. Nos dias de festa vestimos nossas roupas trazidas da Alemanha com as quais também vamos à igreja. Em nosso pasto temos duas vacas, dois terneiros e meu cavalo Alazão que vale uma fortuna para mim, pois me leva nos domingos à igreja que fica há uma hora de distância, ou quando vou até o Salto e não posso ir de canoa até lá. Com o cavalo passo apenas por uma picada, ele é muito seguro e me leva sem perigo. Os bugres, aqui ninguém precisa temer, pois um tiro de espingarda os assusta logo. Porém, o que falta aqui é a mão-de-obra qualificada ou pessoas que trabalhem. Um homem recebe por mês dez a vinte mil réis. Uma empregada doméstica de oito a quatorze mil réis e além disso, difícil de conseguir alguém. Nós trouxemos uma de lá, porém dois meses depois ela se casou e agora estou sozinha. Minha mãe não pode trabalhar e o serviço no início, principalmente a roupa me custava muito, mas agora já estou acostumada, sou jovem e tenho força. Há cerca de duas semanas a garganta da mamãe ficou inflamada e saiu muito pus. O médico disse que passará com o tempo, ela precisa descansar. Da climatização os sinais são: pés inchados e coceira na pele que é muito irritante e eu sinto o mesmo que meus pais. Agora já temos carpinteiro fazendo uma casa bonita para nós. Eu estou contente porque ela tem janelas de vidro, porta e assoalho. A comida é em geral feijão preto, farinha e carne seca. Nós já procuramos modificá-la. Fabricamos açúcar e cachaça. A maioria dos colonos fazem o mesmo, farinha e cachaça. O nosso pão é de milho e é muito gostoso. Ah! se vocês pudessem viver aqui conosco para ver e provar do mesmo. Não se pode descrever como tudo é. Eu já podia ter casado várias vezes, mas ainda não tenho vontade. Aqui os moços são como pão fresco, logo tem saída. A morte do bom tio Bastos me doeu tanto quanto para vocês, pobre tia Alice. Pena que eu não a conheça, mas apesar de não conhecê-la gosto muito dos meus tios, primos e vocês em primeiro lugar. Muitas vezes,

por exemplo, penso e sonho com a vinda do tio e família para cá e como isto seria bonito! Lembranças em primeiro lugar à tia Lothe que eu procuro sempre imaginar como ela é, e também o tio Louis, tio Karl e todos eles. Se eu voltasse para Dresden iria papear os filhos da tia Bertha e os filhos da Ninna. As crianças gostam de mim e trabalhar eu posso. Lembranças ao tio Hermann e sua jovem esposa lá em Lawenburg onde eu gostaria de estar porque lá existem florestas. A vocês meus bons avós desejo que fiquem com saúde e que Deus vos guarde durante uma longa vida. Adeus.

Deus guarde vocês, escrevam-me em breve.

Queiram bem a vossa neta que muito vos ama

Roese Sametzki

Lembranças de vosso neto Georg."

Roese e Viktor tiveram os seguintes filhos: Erich, Arnold, Felix, Helmuth, Elsa, Victor, Harry e Edith.

Edith, a filha mais moça, ao visitar a irmã casada Else G. Seypel em Rosário (Argentina), foi visitar também um médico que estivera em Blumenau e se tornara amigo da família. Na casa deste médico, Edith chegou a conhecer a grande Eleonora Duse no auge de sua carreira, tendo se impressionado tanto que resolveu dedicar-se ao teatro. Os irmãos de Edith resolveram financiar seus estudos na Escola de Arte Dramática de Berlim, escola de grande conceito no mundo. Terminado o curso de quatro anos, Edith passou a integrar elencos de vários grupos teatrais, representando nos mais afanados palcos alemães inclusive nos teatros de Mainz e de Leipzig. Atuou nos palcos alemães por uns vinte anos, colhendo louros da crítica especializada. Entre os autores famosos representou obras de Ibsen, Tolstoi, Goethe, Shiller, Shakespeare, Molière e outros. Representou Ofélia no Hamlet, "Julieta" no Romeu e Julieta de Shakespeare, "Margarida" no Fausto de Goethe, "Inês" em Johannisfeuer de Sudermann e muitos outros, sendo muito aplaudida. Regressou a Blumenau em 1924 para auxiliar seus irmãos Erich e Arnold, sacrificando sua carreira. Edith voltou para a Alemanha em 1928 para rever cidades e teatros onde colhera tantos louros. Passou o inverno em Berlim assistindo a diversos concertos sífônicos sob a regência de Furtwengler. Visitou sua irmã Else em Rosário, e ao voltar isolou-se no seu jardim com os gatos e uns poucos amigos até o dia 15 de setembro de 1967, quando faleceu.

---

## Aconteceu...

Outubro de 1985

---

— DIA 1º. — Em brilhante sessão solene, a Câmara de Vereadores de Blumenau comemorou, neste dia, o Dia do Vereador, homenageando, inclusive, os mais antigos vereadores que passaram por aquela Casa do Povo. Dentre os mais antigos vereadores, esteve o ex-vereador Prof. João Durval, que hoje conta com 8½ anos de idade.

Federico Carlos Allende, que faleceu poucos dias antes (28 de setembro), também teria sido um dos homenageados.

\* \*

— DIA 2 — Foi aberta às 20 horas, na Galeria de Artes do Departamento de Cultura da Prefeitura, em reforma, a exposição de instrumentos aquáticos da "Rapsag", pequena fábrica sediada em Barra Velha e a única a confeccionar guitarras e contrabaixos elétricos que podem ser tocados embaixo d'água. A invenção é do catarinense Ali Gaspar. A exposição foi muito visitada.

\* \*

— DIA 3 — No pavilhão "A" da PROEB, realizou-se festiva solenidade presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, quando foi feita a entrega de certificados de conclusão de cursos profissionalizantes promovidos pela Prefeitura através dos diversos centros sociais, a 756 mulheres residentes nos diversos bairros e subúrbios do município.

\* \*

— DIA 4 — Considerada como a maior festa brasileira da cerveja, foi aberta a Segunda OKTOBERFEST de Blumenau. O acontecimento mobilizou a atenção de todo o país. Estiveram presentes à abertura cerca de 5.000 pessoas.

\* \*

— DIA 4 — Relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis, pela Secretaria de Saúde e Bem Estar Social, informa que mais de 17 mil pessoas foram atendidas nos primeiros nove meses de 1985, no Serviço de Odontologia, através dos consultórios médico-odontológico em três centros sociais e 14 escolas básicas municipais, além da sede da própria Secretaria. No mesmo relatório é informado que 15.550 crianças, na faixa etária de 7 a 14 anos, fizeram o bochecho com Flúor, chegando o total geral até aquela data, em 91.070 aplicações, que são orientados pelos professores e técnicos daquela Secretaria nas escolas e centros sociais.

\* \*

— DIA 5 — A imprensa divulga que o 5º. Comando Aéreo Regional, do Ministério da Aeronáutica, liberou a pista do Aeroporto Quero-Quero, com as novas estruturas, que possibilitam o tráfego de aviões de maior porte.

\* \*

— DIA 5 — Com a presença de numeroso público, o prefeito Dalto dos Reis inaugurou as novas dependências construídas na Escola Básica Municipal "Quintino Bocaiúva", situada do bairro de Teso Salto, constando de uma dependência de 100m<sup>2</sup> na qual foram investidos 100 milhões de cruzeiros.

\* \*

— DIA 8 — Foi aberta, no Centro de Cultura, a exposição "Semana da Criatividade", promovida pela Prefeitura Municipal. Foram apresentados trabalhos feitos pelas crianças dos centros sociais municipais, num total de 3.000 crianças das creches e recreação do Setor Assistencial do município.

—DIA 8 — Com a presença de autoridades e grande público, o diretor da rádio alemã Deutsche Welle, sr. Werner Bader, a banda alemã "Kappele Gotzbuam", presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, foi realizada a solenidade de plantio de rosas vindas da Alemanha no jardim frontal à prefeitura. O acontecimento está ligado à realização da 2ª. Oktoberfest de Blumenau.

\* \*

— DIA 9 — De acordo com ato assinado pelo ministro da Educação, Marco Maciel, a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, foi oficialmente reconhecida como Universidade.

\* \*

— DIA 18 — Apesar das insistentes chuvas, o brilho da abertura dos XXV Jogos Abertos de Santa Catarina, sediados por Brusque, não foi ofuscado. Foi um acontecimento inesquecível e que contou com a boa vontade e entusiasmo de todas as delegações participantes.

\* \*

— DIA 23 — A embaixadora da Costa Rica, no Brasil, sra. Rosa Luisa Bilberstein, foi recebida pelo prefeito Dalto dos Reis e seus assessores.

\*\*

— DIA 23 — Segundo foi divulgado pelo secretário de Turismo da Prefeitura, sr. Antônio Nunes, a Oktoberfest foi visitado por 362.371 pessoas, durante as duas semanas de festa, tendo o público consumido 252.981 litros de chope.

\* \*

— DIA 24 — Com a presença de cerca de 100 participantes, foi aberto, com a palestra do prof. Daniel José da Silva, o I Encontro Catarinense de Conservação do Solo, organizado pela Associação dos Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina.

\*\*

— DIA 27 — Pela 18ª vez consecutiva, a representação esportiva de Blumenau conquistou o primeiro lugar nos Jogos Abertos de Santa Catarina, (os XXV) obtendo 12 troféus e 137 medalhas, sendo estas, 69 douradas, 32 prateadas e 36 bronzeadas.

\* \*

## Novembro — 1985

— DIA 13 — Comunicado da Secretaria de Obras e Serviços Urbanos da Prefeitura informou haver concluído as obras de uma ponte de madeira na rua Leopoldo Heringer, no bairro Progresso, somando-se com esta 53 novas pontes de madeira e 174 consertos, totalizando 227 pontes de madeira desde as trágicas enxurradas de 1983, que foram totalmente revitalizadas em suas estruturas.

\* \*

— DIA 13 — Com a presença de numeroso público foi aberta a exposição de trabalhos dos artistas Hamilton Machado e Flávio Souto, na Sala de Convenções do Teatro Carlos Gomes. Estiveram expostos 25 quadros em diferentes técnicas de pintura, permanecendo até o dia 24.

— DIA 13 — Relatório apresentado pela Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, sobre o movimento de outubro, nas feiras, informa que este chegou a 144.810 quilos de frutas e verduras vendidas, enquanto que em setembro as vendas atingiram 131.550 quilos. O horto florestal distribuiu 1.582 mudas de diversas árvores ornamentais. No setor de clínica sanitária foram atendidas 943 propriedades e também executados serviços de vacinação contra raiva em cães e atendimento clínico a animais de pequeno e grande porte.

\* \*

— DIA 14 — Com grande entusiasmo e muita participação de público, foi aberto o IX Festival Universitário da Canção, no Pavilhão "A" da PROEB.

\* \*

— DIA 16 — Após grande movimentação e participação intensa da mocidade, encerrou-se o IX Festival Universitário da Canção, realizado na PROEB, em Blumenau e que apontou como vencedora a canção "Imaginária Lua", de autoria de Arildo da Silva, da FEPEVI, de Itajaí. A decisão do júri foi muito aplaudida pelo público que recebeu, por unanimidade, a justa decisão.

\* \*

— DIA 21 — Violento temporal que desabou no interior do bairro Garcia, derramando água com abundância sobre a região do Spitzkopf e outras montanhas adjacentes, provocou grande avalanche de águas no ribeirão Garcia, que, transbordando, causou numerosos estragos por onde passou. As regiões mais atingidas foram as do Progresso e Jordão. Também noutros bairros de Blumenau houve preocupação, mas os estragos não chegaram a alcançar significação.

\*\*

— DIA 23 — Depois de fazer aplaudida apresentação no Teatro Harmonia Lyra, de Joinville, o Coral Camerata Vocale voltou a exibir-se desta vez em Blumenau, no Teatro Carlos Gomes.

\* \*

— DIA 23 — Em concorridas solenidades, o prefeito Dalto dos Reis inaugurou, no Bairro Salto, entre as ruas Estrela e Bahia, a Praça Baden Powell, na parte da manhã, enquanto que à tarde, inaugurou a ampliação do Centro Social da Rua República Argentina, constituída de um novo refeitório e duas salas, assim como modificações nas dependências sanitárias.

\*\*

— DIA 28 — No bairro do Asilo, à rua Coripós, foi presidida, pelo prefeito Dalto dos Reis, a solenidade de inauguração do Centro Social, destinado a toda a população daquela rua e adjacências. Trata-se do trigésimo, mantido pela Prefeitura através da SESBES e possui berçários, creche, recreação e ambulatório médico, atendendo desde o início cerca de 80 crianças.

\*\*

— DIA 30 — A partir deste dia, Blumenau ganhou mais um

grupo de escoteiros. Foi instalado o Grupo Arauque, filiado à Sociedade Beneficente dos Subtenentes e Sargentos de Blumenau, situado no Bairro Garcia.

\*\*

— DIA 30 — Com justas manifestações de respeito, estima e carinho, frei Odo o.f.m., viu assinalar, em vida religiosa, a passagem do jubileu de ouro, ou sejam, 50 anos de bons serviços prestados à sua vocação sacerdotal, e aos ideais de São Francisco que, segundo suas declarações à imprensa, sempre o fascinaram muito.

---

## *Conselho Curador esteve reunido*

A fim de apreciar a prestação de contas da direção executiva da Fundação "Casa Dr. Blumenau", esteve reunido seu Conselho Curador no dia 26 de novembro último. Da reunião participou a maioria dos srs. conselheiros e os trabalhos foram presididos pelo titular Dr. Afonso Rabe. Presente também esteve a Comissão de Construção, representada pelo sr. Ross Parkinson, diretor-presidente da Albany.

Na oportunidade o diretor executivo jornalista José Gonçalves fez uma exposição da situação em que se encontram as obras de construção do novo prédio da Biblioteca e do Arquivo, as adesões recebidas, a insistência para a adesão de outras empresas e pessoas para que as obras sejam concluídas dentro dos próximos noventa dias. Distribuiu relatório escrito a todos os srs. conselheiros e ao sr. Parkinson, tendo este, na ocasião, feito a entrega de mais um cheque de 30 milhões de cruzeiros, pela Albany, totalizando então até aquele dia, a participação de sua empresa com 160 milhões de cruzeiros. Prometeu que até o dia 5 de dezembro entregaria mais um cheque no valor de 30 milhões, com o que estaria completando um investimento no prédio de 190 milhões de cruzeiros como participação de sua empresa. O diretor executivo da Fundação afirmou que continuaria envidando todos os esforços e insistindo junto aos empresários blumenauenses ou aqui radicados para que viessem a aderir na participação financeira com o valor mínimo de 10 milhões mesmo o fazendo em vinte parcelas de 500 cruzeiros mensais.

Na oportunidade o Conselho Curador aprovou a proposta orçamentária para 1986, tendo ainda manifestado por unanimidade inteiro apoio e aprovação ao desempenho da direção executiva da instituição.

Após a reunião os srs. Conselheiros, que haviam se reunido já no novo prédio, na sala destinada ao Arquivo Histórico, percorreram demoradamente todas as novas dependências, agora na fase de pintura e acabamento, mostrando-se favoravelmente impressionados com tudo o que viram.

A próxima reunião do Conselho Curador acontecerá no primeiro trimestre de 1986.

## Um prefeito alemão muito amigo de Blumenau

Não constitui surpresa para nós, mas muita alegria e a confirmação do que já havíamos constatado anteriormente, quando recebemos, em outubro, uma carta do sr. Rolf Gerich prefeito da cidade de Weingarten sul da Alemanha. Esta carta, que reafirmava os propósitos do sr. Gerich de continuar muito nosso amigo e de Blumenau, já que aqui esteve por duas vezes e foi hospede oficial do município, amigo particular que é do prefeito Dalto dos Reis, trouxe-nos agradável notícia, como iamoz dizendo: O propósito de nos ajudar com 3.500 marcos, no ano que vem, para auxiliar no custeio das obras de acabamento do prédio destinado à Biblioteca e ao Arquivo Histórico.

Rolf Gerich é um legítimo anfitrião de todos os brasileiros, e em especial blumenauenses, que visitam a sua cidade, Weingarten (Jardim do Vinho), localizada praticamente às margens do Lago Constance, uma das regiões mais belas e românticas da Alemanha, lago este em que nasce o rio Reno.

Gerich já nos hospedou em sua cidade, quando o visitamos na companhia do ex-prefeito Félix Theiss e do filatelista Alfredo Wilhelm. Naquela ocasião em 1975, firmamos um parceria de bandeira, ficando assentado que, nas datas oficiais das duas cidades, Blumenau e Weingarten, hasteariamos, aqui, a bandeira de Weingarten e lá, seria hasteada a de Blumenau. E isto tem sido cumprido, assim como também quando as nossas cidades são visitadas por cidadãos de lá e os de Blumenau indo a Weingarten.

Prof. Germano Suesseger, que todos os anos visita Blumenau, já que aqui residiu por muitos anos e hoje vive em Weingarten, ao se despedir de nós, em fins de setembro último, levou consigo uma carta que endereçamos ao sr. Rolf Gerich, com uma foto do prédio que estamos construindo, carta na qual dizíamos das nossas dificuldades, mas do nosso empenho e das nossas esperanças e mesmo certeza de que os blumenauenses não deixariam de nos apoiar para a conclusão da obra. Como resultado, o sr. Gerich nos escreveu, um mês depois, dizendo que sentia-se tão contaminado pelo nosso entusiasmo que havia incluído no orçamento do município para 1986, a verba de 3.500 marcos que prof. Germano haveria de trazer em mão no primeiro trimestre para nos ajudar na importante obra.

Rolf Gerich mostrou mais uma vez que é nosso amigo incondicional, que confia nas obras e o trabalho dos blumenauenses, povo que ele considera como seu irmão de lutas e de conquistas. Ele é um dos muitos amigos certos nas horas difíceis, que nos têm apoiado. É disso que todos nós precisamos: amigos certos. Gerich é um deles, está provado!

## A NOSSA MENSAGEM

Aqui estamos novamente no fim do ano. E com ele, o resultado de muito trabalho, muita dedicação, muita solidariedade, compreensão e apoio.

Sim, acima de tudo, apoio que temos recebido de empresas, de pessoas, que resultou no alevantamento da imponente e importante obra destinada a preservar para sempre o riquíssimo acervo cultural e histórico da região — Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva".

O primeiro grande apoio que recebemos, desde que assumiu há dois anos, foi do Conselho Curador e em especial do seu presidente Dr. Afonso Rabe. Depois veio o apoio decisivo da Albany, através do seu presidente no Brasil, sr. Ross Parkinson, colocando à disposição do projeto elaborado pela firma Lindner, Herwig, Shimizu Arquitetos, nada menos do que 5.000 ORTNs já em meados de 1984, o que nos deu a força e o entusiasmo para nos lançarmos à campanha em busca dos recursos complementares para a execução da obra. À medida que este apoio foi se consubstanciando nas adesões que se seguiram, as obras foram iniciadas, a partir de março e aí está o nosso prédio quase concluído. Falta muito pouco, como também faltam mais algumas adesões dos nossos empresários e então poderemos inaugurá-lo no primeiro trimestre de 1986.

Cabe aqui referência especial pelo apoio especial que recebemos sempre do prefeito Dalto dos Reis.

A nossa grande alegria está no constatar que Blumenau, pela sua comunidade industrial, comercial, particular e o governo municipal está sempre unida quando uma causa nobre se apresenta para ser apoiada. O exemplo mais uma vez surge na beleza e originalidade do prédio que estamos construindo para as gerações atuais e futuras, ou seja, para os nossos filhos e os nossos (de todos os blumenauenses) netos e bisnetos.

Agradecemos a este apoio que nos levou a tão grande empreendimento, queremos deixar aqui o registro, em nosso nome e no de todos os srs. Conselheiros, Comissão de Construção, assessores e funcionários desta instituição, dos melhores votos para que todos, sem exceção alguma, tenham um Natal muito feliz e que 1986 lhes traga muito mais prosperidade para que possam apoiar outros empreendimentos de igual ou maior importância que o nosso, como gratidão a Deus pela saúde e o bem-estar que têm recebido.

Finalizando: Sem as bênçãos de Deus, que é o grande arquiteto do universo, não teríamos tido forças para impulsionar esta nobre obra arquitetônica: Por isso é a Ele, o Criador de tudo, que finalmente agradecemos por tudo que Dele temos recebido! Até 1986, amigos.

A Direção.

## ÍNDICE

A força do trabalho na região — Aloisius Carlos Lauth .....	2
Espelhos da alma: o resgate da bondade solidária — Lauro Junkes	4
A história de Blumenau revela (Carta do Dr. Blumenau para o Presidente da Província, em 1862) .....	6
Cumprimentos de Natal e Ano Novo — Redação .....	11
A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes (Arti- go extraído do jornal "A Voz Católica" de 01/03/1877)....	12
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	21
Aconteceu... — Dezembro de 1984 — José Gonçalves .....	23
Subsídios à Crônica de Blumenau (Artigos extraídos do jornal "Blumenauer Zeitung" de 1882 e seguintes) .....	26
Comissão de construção esteve reunida — Redação .....	28
Registro de um fato histórico — Nestor Seára Heusi .....	30
O custo do primitivo cemitério de Blumenau (Carta do Dr. Blume- nau ao Pe. Gattone em 1862) .....	32
Cs proprietários da linha d'Azambuja — Aloisius Carlos Lauth ..	32
Nascem aranhas caranguejeiras no Museu "Fritz Müller" — Re- dação .....	35
Como era visto o Vale do Garcia pelo Prof. Rudolf Hollenweger (Artigo publicado no periódico "Mitteilungen" em 1916) .. .	36
Algumas considerações e críticas do Dr. Blumenau sobre questões concernentes a terras devolutas, colonização, imigração e ne- gócios conexos. (Extraído de documentos do Arquivo Históri- co) .....	40
Aconteceu... — Janeiro de 1985 — José Gonçalves .....	45
A história de Blumenau revela (Carta de Julius Scheidemann ao governo prussiano pedindo auxílio, em 1916) .....	48
Schwester Elisabeth visita Blumenau — Alfredo Wilhelm .....	49
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	51
Construtora Stein vai erguer o prédio destinado à Biblioteca e ao Arquivo Histórico — Redação .....	52
Subsídios à crônica de Blumenau (Artigos extraídos do jornal "Blu- menauer Zeitung" de 1885 e seguintes) .....	53
Começou a construção da Biblioteca e Arquivo — Redação .....	58
Como era vista, em 1960, a orquestra sinfônica da Sociedade Dra- mático-Musical "Carlos Gomes" — Carta do músico F. Runze	59
A história de Blumenau na correspondência dos imigrantes — Car- ta de Franz Sallentien dirigida em 1855 à sua irmã residente na Alemanha .....	60
A família Bohn em Santa Catarina — Antônio Bohn .....	63
A imigração polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	64
As atividades do Fr. Blumenau nos preparativos da colonização desta região e as dificuldades encontradas — Abaixo assinado datado de 1848 .....	66
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	69
Cinquentenário da Cremer S.A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos —	

Redação .....	71
Subsídios à crônica de Blumenau (Artigos extraídos do jornal "Blumenauer Zeitung" de 1885 e seguintes) .....	76
Acervo da Biblioteca vai se enriquecendo — Redação .....	84
Reuniu-se o Conselho Curador — Redação .....	84
Rainha Sílvia, da Suécia, leu o livro "Ele sobreviveu" — Redação ..	85
Aconteceu... Fevereiro de 1980 — José Gonçalves .....	86
Saúde da população, uma prioridade no governo do prefeito Dalto dos Reis — Redação .....	88
Figura do passado: Cel. Manoel de Oliveira Ramos — Maria de Lourdes R. K. Loochs .....	90
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	92
Maratona cultural foi lançada na Fundação "Casa Dr. Blumenau — Redação .....	94
Um triplice jubileu — Alfredo Wilhelm .....	95
Figura do presente: Margarete Gertrud Busse Scheltzke — Edith Kormann .....	96
Uma análise do desenvolvimento econômico de Blumenau a partir de sua evolução urbana" — Ivo Marcos Theis .....	98
Uma carta anônima que merece ser publicada — Redação .....	101
A história da região na correspondência dos imigrantes — Carta de Franz Sallentien dirigida em 1856 à sua irmã, residente na Alemanha .....	103
Aconteceu... — Março de 1985 — José Gonçalves .....	105
Subsídios à crônica de Blumenau (Artigos extraídos do jornal "Blumenauer Zeitung" de 1890 e anos seguintes) .....	109
A evolução do ensino na história de Blumenau (Reunião de professores em 1912) .....	122
Os primeiros imigrantes na Colônia de Blumenau (2-9-1850) — Hermann Sachtleben .....	123
"Neue Deutsche Schule" (Escola Nova Alemã) — Edith Kormann ..	124
Do "Joinvillenser Zeitung" ao "Jornal de Joinville" — Elly Herkenhoff .....	126
Francisco Bohn: 160 anos de nascimento — Antônio Francisco Bohn .....	128
Subsídios à crônica de Blumenau (Artigos extraídos dos jornais "Der Urwaldsbote" e "Blumenauer Zeitung" de 1906 e anos seguintes) .....	130
Brusque: 110 anos de imigração italiana — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	139
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	140
Vasculhando velhos arquivos — Frederico Kilian .....	141
O novo prédio está subindo... — Redação .....	145
Frei Braz Reuter visitou Blumenau — Redação .....	146
Aconteceu... — Abril de 1985 — José Gonçalves .....	147
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	149
As obras do prédio da Fundação "Casa Dr. Blumenau" estão chegando à cobertura — Redação .....	154

A colonização e a construção de estradas (Artigo publicado no "Jornal do Povo" em 1930) .....	156
"Neue Deutsche Schule" (Escola Nova Alemã) — Edith Kormann	158
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	160
Dias históricos da Revolução de 1930 .....	162
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	165
Subsídios à crônica de Blumenau .....	167
Curt Max Lebrecht — (Nota de falecimento) — Redação .....	171
"Yara", uma ópera joinvillense — Elly Herkenhoff .....	172
O grande pioneiro (Referente a João Bauer) — Leopoldo Bauer	178
Ecoss da construção da antiga ferrovia Blumenau-Rio do Sul (Carta do Dr. Nereu Ramos publicada no jornal "Die Volkszeitung" em 13/12/1930) .....	179
Aconteceu... Maio de 1985 — José Gonçalves .....	181
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	183
Na história de Brusque, a presença de irlandeses, alguns franceses e poucos ingleses — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	186
O imigrante Friedrich Rabe — Dr. Afonso Rabe .....	189
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	194
Carta da maçã — Frei Elzeário D. Schmitt, OFM .....	195
A evolução do ensino público no Estado .....	197
"Neue Deutsche Schule" (Escola Nova Alemã) — Edith Kormann	199
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	201
Clube filatélico brusquense — Maria do Carmo R. K. Goulart ...	203
Aculturação musical da população dos bairros — Redação .....	205
Aconteceu... Junho de 1985 — José Gonçalves .....	206
Chão histórico — Elly Herkenhoff .....	207
Prefeito Dalto dos Reis confirma Conselho Curador — Redação..	210
"Die Volkszeitung" (Desejos expressos pelo jornal para o ano novo de 1931) .....	211
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	211
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	218
Gustavo Krieger — Maria do Carmo R. K. Goulart .....	219
AEMA experimenta com sucesso nova técnica de combate a erosão	221
José Ferreira Bueno: um desconhecido — Antônio R. Nascimento .....	223
"Die Volkszeitung" de 23/04/1930 .....	231
Figuras do passado: Bruno Hildrebrand — Redação .....	232
O "portuiglês" nosso de cada dia — Elly Herkenhoff .....	236
HUNSRÜCK — Eimar Joenck .....	239
A evolução do ensino público no Estado .....	243
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	244
Aconteceu... Julho de 1985 — José Gonçalves .....	246
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	247
Notas sobre o povoamento da Foz do Itajaí .....	250
As velhas colônias no Rio Itajaí — Gottfried Entres .....	253

Martinho Bruining: Quando a poesia é filosofia do coração — Lau- ro Junkes .....	254
A fotografia em Blumenau — Sueli Maria Vanzuita Petry .....	256
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	259
Catolicismo — Colégio Santo Antônio — Extraído do livro "Vida Franciscana" — Irmão Claudius Tillesen .....	261
A história de Blumenau revela: .....	264
Subsídios Históricos — Trad. e Coord. de Rosa Herkenhoff .....	267
Lembrando o farmacêutico August Keunecke, de Indaial (Artigo traduzido do "Der Urwadsbote" por Edith Sofia Eimer) .....	269
A evolução do ensino público no Estado .....	270
Os primeiros colaboradores do 1º. jornal impresso em Joinville — Elly Herkenhoff .....	274
Aconteceu... Agosto de 1985 — José Gonçalves .....	277
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômi- co e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	279
Federico Carlos Allende (Nota de falecimento) — Redação .....	280
Longevidade — Afonso Rabe .....	282
Aconteceu... Setembro de 1985 — José Gonçalves .....	283
O naufrágio do "Francisca" — Elly Herkenhoff .....	285
Autores catarinenses — Enéas Athanázio .....	288
Catolicismo — Colégio Santo Antônio .....	290
Uma conjectura histórica — Antônio R. Nascimento .....	293
Homenagem a três grandes músicos — Alfredo Wilhelm .....	300
Subsídios à crônica de Blumenau .....	301
Um zoológico modelo em Santa Catarina — Frei Elzeário Schmitt, OFM .....	305
A personalidade de Hercílio Luz na necrologia de Eugen Fouquet .....	307
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff .....	309
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômi- co e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	310
Uma Conjectura Histórica (II) — Antônio R. Nascimento .....	314
Banda da Alemanha fez sucesso em Blumenau.....	320
Jubileu de Frata do Cmte. do Vapor Blumenau .....	321
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	323
O "Blumenau" — Celso Liberato .....	325
Catolicismo — (Texto transcrito do livro "Vita Franciscana" .....	327
Subsídios Históricos — Coord. e trad. — Rosa Herkenhoff .....	330
Blumenau já tem a sua estação de piscicultura .....	331
A poesia resgata a consciência do ser — Lauro Junkes .....	332
Padre Carlos, um grande programador — Elly Herkenhoff .....	335
Federico Carlos Allende, Um Coração Blumenauense — Redação .....	339
Roda-gigante da vida — Afonso Rabe .....	345
Blumenau — Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômi- co e Evolução Urbana" de Paul Singer .....	347
Roese Gaertner — Edith Kormann .....	350
Aconteceu... Outubro/Novembro de 1985 — José Gonçalves .....	354
A Nossa Mensagem .....	360

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA  
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ  
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E  
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE  
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS  
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM  
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA  
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"  
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.  
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS  
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering  
BLUMENAU - SANTA CATARINA